VALE: SAIBA O QUE ESTÁ POR TRÁS DA DISPARADA DAS **AÇÕES** DA MINERADORA | **ECONOMIA:** AS OPORTUNIDADES DA NOVA ONDA DE **PRIVATIZAÇÕES** ESTADUAIS | **J.P. LEMANN:** BILIONÁRIO TOMA UM NÃO DA **UNILEVER**, MAS LEVA A REDE **POPEYES**

ISTOÉ Dinheiro

"Eu me considero quase brasileiro"

Christian Louboutin

OS PLANOS DE CHRISTIAN LOUBOUTIN

O EMPRESÁRIO E ESTILISTA FRANCÊS QUE REINVENTOU O SAPATO DE LUXO REVELA A ESTRATÉGIA PARA AUMENTAR A PRESENÇA GLOBAL DE SUA MARCA. SAIBA TAMBÉM COMO O BRASIL SE TORNOU FUNDAMENTAL PARA SUAS CRIAÇÕES E PARA AS RECEITAS DESSE IMPÉRIO DE US$ 1 BILHÃO

Dinheiro

01 de março de 2017. Edição 1.007

DinheiroRedação

Privatizar, a melhor alternativa

Vamos a algo elementar: que intuito move os manifestantes, em suas arruaças de pouca adesão, quando depredam o que veem pela frente e reagem ao plano de privatizar. Puro instinto corporativista, óbvio! Temem perder vantagens, estabilidade e as respectivas boquinhas enquanto o estado implode sem recursos. Anarquistas jurássicos, levados pela velha ideologia do aparelhamento estatal, resistem ao modelo de eficiência e gestão privada, calcada em resultados e mérito. No contexto que se desenha de finanças estaduais quebradas, não há alternativas. O Governo Federal, com o objetivo de socorrer quem precisa, estabeleceu um princípio: empresta dinheiro, mas quer garantias. E essas só podem ser dadas com o patrimônio público ainda disponível. No caso, as estatais de cada um. A proposta das contrapartidas enfrenta resistências de toda a ordem. Não apenas dos funcionários das estatais. Políticos também relutam em aprovar esse modelo de reestruturação, tido como impopular junto aos eleitores. A exigência da União é que companhias públicas nas áreas financeiras, de saneamento e de energia sejam vendidas. Além disso, cada estado terá de aumentar a contribuição previdenciária de servidores, incluindo os inativos e pensionistas. O Rio de Janeiro – de longe, o mais depauperado – deu início ao processo aprovando na semana passada, com muito custo, a venda da Cedae, companhia de água e esgoto, como garantia a empréstimos de R$ 3,5 bilhões para quitar os salários atrasados de servidores. O Rio Grande do Sul já mostrou interesse em aderir ao programa e oferece o banco Banrisul em contrapartida. Não é de todo modo unânime entre os estados da Federação esse posicionamento. Ao contrário. Até por diferenças políticas, alguns, como Minas Gerais, hoje sob o comando petista do governador Fernando Pimentel, não devem participar do esforço conjunto para uma saída negociada. Pimentel, em suas bravatas populistas de caráter inconsequente, disse que não irá aceitar listas de medidas amargas. Quer o socorro federal sem entregar nada em troca, como se a União fosse uma viúva de recursos infindáveis e bondade ilimitada. No todo e em parte o regime de recuperação dos estados, alinhavado pelo time de Michel

EXCLUSIVO ONLINE istoedinheiro.com.br

ECONOMIA | MERCADO DIGITAL | NEGÓCIOS | ESTILO | FINANÇAS | INVESTIDOR | BLOGS E COLUNAS | MULTIMÍDIA

Finanças

Ainda dá tempo de investir na Bolsa?

Somente neste ano, a valorização do Ibovespa, o índice das principais ações negociadas na BM&FBovespa é superior a 14%, mais de sete vezes o que rendeu a taxa de juro, que serve como referência para os fundos de renda fixa, o CDI. Em 12 meses acumulados, a escalada do Ibovespa chega a 66%. Os apaixonados por planilhas e risco perguntam-se o óbvio: ainda dá tempo de apostar em ações ou os preços já subiram demais? Encontre a resposta na reportagem de Carlos Dias: http://bit.ly/2l5l7QY

Automóveis

Por que a GM pode vender a Opel para a Peugeot Citroën

Desde 1929, a GM tem um braço europeu chamado Opel. E uma extensão desse braço na Grã-Bretanha chamada Vauxhall. Mas parece que Detroit decidiu que não quer mais perder dinheiro no Velho Continente. Na semana passada, explodiu a notícia de que a GM está negociando com o Grupo PSA (dono das marcas Peugeot, Citroën e DS) a venda da Opel e da Vauxhall. Mas o que está por trás desse negócio? Leia o artigo de Sergio Quintanilha, no blog REPÚBLICA DO AUTOMÓVEL: **http://bit.ly/2IDWVII**

FOTOS: WILTON JUNIOR | DANILO VERPA/FOLHAPRESS | DIVULGAÇÃO

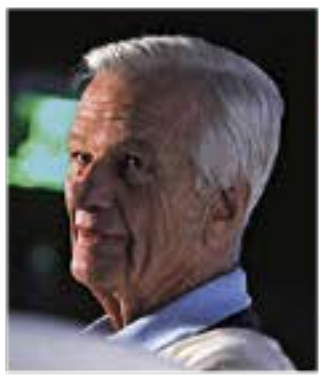
Temer e encaminhado ao Congresso, carrega alguns riscos inerentes. Ele vai alterar a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), que foi vista como um avanço extraordinário no controle das contas públicas. Ao abrir um atalho para sanear dificuldades dos devedores deixa a brecha para que novas modificações venham a ocorrer lá adiante. Quem está cumprindo a LRF não leva vantagem nenhuma com isso. Muito menos o contribuinte, que é o primeiro a ser penalizado com os desmandos financeiros em sua região. É preciso ficar claro que todo estado devedor terá, ao fim e ao cabo, de arcar com os prejuízos integralmente, acrescidos de juros e correção monetária. Uma condição vital para a garantia da saúde financeira da União. E neste sentido, privatizar é mesmo a melhor saída.

Carlos José Marques,
diretor editorial

Índice

VALE: entenda o que está por trás da forte alta das ações na mineradora... pág. 59

ECONOMIA: as oportunidades da nova onda de privatizações estaduais... pág. 20



JORGE PAULO LEMANN: bilionário toma um não da Unilever, mas leva a rede de frango frito Popeyes... pág. 30

CAPA: conheça a brasilidade e os planos de Christian Louboutin... pág. 42

SEMANA – OMC na contramão do protecionismo... pág. 10

MOEDA FORTE – Cresce o número de conflitos empresarias na Justiça paulista... pág. 12

SUSTENTABILIDADE – A solução para a qualidade do ar nas grandes cidades... pág. 14

ENTREVISTA – João Augusto de Castro Neves, diretor de América Latina e Brasil para a Eurasia Group... pág. 16

COBIÇA – Uma ilha para chamar de sua... pág. 48

DINHEIRO E TECNOLOGIA – O inferno astral do Uber... pág. 54

ARTIGO – É hora de reduzir a meta de inflação... pág. 66

CAPA – Andrea Klarin/Fashion Victim

Desigualdade

Quando o capital estará a serviço da economia real?

A cada início de ano, a ONG Oxfam apresenta números alarmantes sobre a concentração de riqueza nas mãos de poucos "zilionários". A mais nova medição dá conta que oito pessoas possuem riqueza equivalente à de 3,6 bilhões, a metade mais pobre da população mundial. Acesse o artigo de Álvaro Almeida, no blog ECONOMIA CONSCIENTE: **http://bit.ly/2IkAKGI**

BLOGS E COLUNAS

Nossos blogueiros e colunistas analisam a economia, os negócios, o consumo e muito mais! Confira no site da DINHEIRO:

Bastidores das empresas
Por Ralphe Manzoni Jr.

Cultura digital
Por Clayton Melo

Empreendedorismo sustentável
Por Rosenildo Ferreira

DINHEIRO 90"

Como exercer a liderança em momentos de crise?

Quem responde é o consultor e palestrante **César Souza**, presidente do Grupo Empreenda.

Vídeo

Os próximos passos de Louboutin

O empresário e estilista francês Christian Louboutin revela a estratégia para aumentar a presença global de sua marca. Saiba como o Brasil se tornou fundamental para suas criações e para as receitas de um império do luxo estimado em US$ 1 bilhão. Confira uma análise da reportagem com **André Jankavski.**

Dinheiro na semana

POR MÁRCIO **KROEHN** E PAULA **BEZERRA**

Comércio

OMC na contramão do protecionismo

VITORIOSO: o diretor-geral da OMC, Roberto Azevêdo, tirou do papel o AFC, um dos principais acordos do comércio internacional

Depois de quatro anos de longas negociações, a Organização Mundial do Comércio (OMC) conseguiu o número suficiente de assinaturas para a aprovação do Acordo de Facilitação de Comércio (AFC). A estimativa da organização é que, com as novas regras, o comércio global seja incrementado em US$ 1 trilhão por ano. Desse montante, US$ 730 bilhões virão de países em desenvolvimento, como o Brasil. Em pauta desde 2013, quando foi apresentado na Conferência Ministerial da OMC, em Bali, o acordo precisava ser ratificado por 108 dos 164 países-membros. O Brasil, que tem total interesse em ampliar a exportação do agronegócio, subscreveu em março de 2016. Outros que aderiram são EUA, China, México, Índia e o bloco regional da União Europeia. O AFC, que

Internacional

A boneca problema

A fabricante americana de brinquedos Genesys Toys teve problemas com a boneca "Minha Amiga Cayla" na Alemanha. Nas últimas semanas, famílias alemãs receberam notificação da Agência Federal de Redes, reguladora de telecomunicações no país, sugerindo que o brinquedo fosse destruído. Conhecida como a "boneca inteligente", Cayla tem um software que responde às perguntas quando está conectada na internet. No entanto, foram identificadas falhas que abriam portas para hackers acessarem as informações. O perigo era ter intimidades de familiares expostas nas redes.

STF

Senado diz sim para Alexandre de Moraes

O ex-ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, foi aprovado pelo Senado Federal para assumir a cadeira no Supremo Tribunal Federal (STF) que era de Teori Zavascki, morto num acidente aéreo. Na terça-feira 21, o advogado foi sabatinado por quase 12 horas pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. Sobre a Operação Lava Jato, ele disse que é "absolutamente capaz de atuar com imparcialidade". No dia seguinte, teve sua indicação aprovada pelo plenário do Senado por 55 votos a 13.

Empreiteira

A volta da Queiroz Galvão

Depois de um ano sem novos contratos, a empreiteira Queiroz Galvão, uma das envolvidas na Lava Jato, voltou a recuperar espaço no mercado. Ela negocia com o grupo francês Vinci as obras nos aeroportos de Florianópolis, Porto Alegre, Salvador e Fortaleza, que irão a leilão em 16 de março. A intenção da Queiroz Galvão é ficar fora do consórcio, mas liderar as obras como parceira. Em fevereiro, a empreiteira fechou seu primeiro contrato com o poder público e ficará responsável pelo trecho da Hidrovia Tietê-Paraná.

Siderurgia

Ternium mais forte no Brasil

O grupo ítalo-argentino Ternium reforçou sua estratégia de aumentar a participação nas Américas. Depois de quase cinco anos negociando com o grupo alemão Thyssenkrupp, a Ternium, que é sócia da Usiminas, comprou a Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), fabricante de placas de aço. O negócio, que depende da aprovação de órgãos de regulação de Brasil, EUA e Alemanha, movimentou R$ 4,9 bilhões.

LÍDERES DE RENTABILIDADE

Os investimentos em títulos públicos foram os mais rentáveis no Brasil, num período acumulado de dez anos. O Instituto Assaf, especializado em análises financeiras, apurou os rendimentos nominal e real das oito principais aplicações do País, entre 2007 e 2016. Os papéis da dívida brasileira foram, disparados, os que acumularam o melhor retorno para o investidor.

Fonte: Instituto Assaf

FOTOS: FABRICE COFFRINI | AILTON DE FREITAS | DIVULGAÇÃO

tem como objetivo reduzir a burocracia no comércio, exigirá que os países adotem medidas para agilizar as negociações. Entre os pedidos está a criação de um portal de janela única, ou seja, um sistema eletrônico na alfândega onde todos os trâmites podem ser registrados. A desburocratização deve gerar uma economia 14%. Esse foi o primeiro acordo multilateral aprovado pela OMC desde a sua criação, há 20 anos. Ele é visto como uma vitória do brasileiro Roberto Azevêdo, diretor-geral da OMC. Com reeleição prevista, ele alcançou um marco para o comércio em um momento de escalada do protecionismo, que tem o presidente Donald Trump e a saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit, como os principais símbolos.

Crise

PDG em recuperação judicial

A construtora e incorporadora PDG Realty entrou com um pedido de recuperação judicial na Comarca da Capital do Estado de São Paulo, na quarta-feira 22. A decisão foi informada ao mercado por meio de fato relevante publicado na Comissão de Valores Mobiliários. Após longos períodos de maus resultados, a incorporadora iniciou um processo de reestruturação de dívidas, em 2015, para reforçar seu fluxo de caixa, além de fechar acordos com bancos para amortizar a dívida bilionária que, atualmente, ultrapassa a casa dos R$ 7 bilhões. Em nota, a PDG disse que o pedido de recuperação é a "ação mais adequada no momento."

NÚMEROS

R$ 100 bilhões

É O CAIXA acumulado do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), mesmo com a devolução dos recursos ao Tesouro Nacional.

R$ 1 bilhão

É O MONTANTE que a concessionária Rio Galeão, responsável pela administração do aeroporto, tem de pagar ao governo federal até o dia sete de abril.

R$ 715 milhões

É A ECONOMIA que a revisão do auxílio-doença do INSS trará ao governo. Cerca de 540 mil pessoas que recebem o benefício serão convocadas para realizar uma nova perícia.

200 mil

É O NÚMERO de empresas que têm dívidas do FTGS de funcionários e ex-funcionários, segundo informações da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional.

12,25%

É O NOVO valor da Taxa Selic, após a redução de 0,75 ponto percentual. O Copom perdeu a chance de acelerar a queda de juros em, pelo menos, 1 ponto percentual.

Tecnologia

Sob novos termos, Verizon arremata Yahoo!

A americana de telecomunicações Verizon e a empresa de mídia Yahoo! informaram ao mercado os novos termos para a transação dos ativos do Yahoo!. Com a renegociação, o preço original de aquisição diminuirá em US$ 350 milhões, para US$ 4,5 bilhões. A revisão do valor ocorreu em razão do Yahoo! ter sofrido dois ataques cibernéticos em 2016. Em nota, a vice-presidente da Verizon, Marni Walden, afirmou que "os termos alterados proporcionam um resultado justo para ambos acionistas".

COM INFLAÇÃO ACUMULADA DE 83,1% ENTRE 2007 E 2016, AS APLICAÇÕES COM MELHOR RENDIMENTO NO PAÍS *(Em %)*

	RENTABILIDADE NOMINAL	RENTABILIDADE REAL
Título público	417,6	182,64
Renda Fixa	182,6	54,3
Ouro	173,2	49,2
CDB	163,2	43,7
Poupança	102,2	10,5
Imóveis	100,0	9,2
Inflação	*83,1*	*0*
Dólar	53,3	-16,3
Bolsa de valores	35,5	-26,0

FOTOS: RACHEL MURRAY | DIVULGAÇÃO

MOEDA FORTE

Por **Carlos Sambrana**

COM GABRIEL BALDOCCHI, MÁRCIO KROEHN E PAULA BEZERRA

EXPANSÃO ACELERADA

Depois de dois anos no mercado e de já ter abocanhado 7% de participação no Brasil, de acordo com a Nielsen, a marca de água de coco Obrigado prepara a sua maior expansão desde que foi criada. "Nossa produção anual passará de 7,5 milhões de litros, em 2016, para 17 milhões de litros em 2017", diz **Roberto Lessa**, vice-presidente da empresa. A meta é quintuplicar a presença da marca no Brasil dentro de três anos. "Hoje estamos presentes em 27 mil pontos de venda no País, mas vamos expandir para além dos grandes varejistas", diz Lessa. Para isso, entretanto, a Obrigado tem de vencer alguns obstáculos. Enquanto os concorrentes conseguem permanecer um ano e meio nas prateleiras, o produto da marca tem vida útil de 6 meses. "É porque não há conservante, nem açúcar ou água adicionada", diz Lessa.

OS GRINGOS QUEREM COCO

Se, por um lado, a água de coco 100% natural pode acarretar problemas logísticos, por outro traz benefícios em termos de imagem, principalmente no mercado externo. Atualmente, 30% de toda a produção são exportados para países como Estados Unidos, Holanda, França e Reino Unido. Em cinco anos, as vendas para os países estrangeiros devem representar 60%. E a marca já tem um bom canal fora do Brasil. Fruto de um investimento de R$ 600 milhões, a Obrigado nasceu a partir de aportes de uma empresa familiar americana chamada Cilento. A origem da empresa chama a atenção. Em 2006, os americanos passaram a comprar terras no nordeste da Bahia para explorar o turismo. Diante de tantos coqueiros, se perguntaram se não poderiam explorar esse segmento.

TECNOLOGIA NA LAVOURA

O desenvolvimento do projeto começou em 2010 e só foi inaugurado em dezembro de 2015. No total, a companhia conta com uma área de 6,6 mil hectares de terra dos quais 2,2 mil destinados a plantações de coqueiros. A produção média de sua fazenda é de 200 frutas por planta por ano, enquanto a média nacional é de 34 frutas por planta por ano. O segredo, diz Lessa, foi dividir a propriedade em pequenas áreas de 20 hectares e designar um responsável para cada pedaço de terra. "O funcionário visita aquela área todos os dias, acompanha cada detalhe da plantação e tudo é informatizado." Cada árvore tem um código de barra e os funcionários trabalham munidos de máquinas digitais.

JUSTIÇA DE OLHO NOS NEGÓCIOS

Pelo menos 5.740 novos casos de conflitos empresariais chegaram à Justiça paulista entre janeiro de 2013 e agosto de 2016, o equivalente a 130 por mês. Como os processos costumam ser volumosos, o Órgão Especial, que reúne os desembargadores mais antigos e os eleitos da primeira turma do Tribunal, autorizou a criação, em dezembro de 2016, de até três varas civis que poderão se tornar varas Empresariais e de Conflitos de Arbitragem, assim como ocorre com as varas de Falências e de Recuperação Judicial. "A especialização da justiça comum tende a trazer maior tecnicidade nas decisões", afirma José Nantala Badue Freire, do Peixoto & Cury Advogados.

CHARGE

ALEXANDRE MORAES, NOVO MISTRO DO STF

FOTOS: MASSIMO_FAILUTTI | JOÃO CASTELLANO/AG. ISTOÉ | DIVULGAÇÃO | MARCOS ALVES/AG. O GLOBO | AG. BRASIL | ILUSTRAÇÕES: EVANDRO RODRIGUES

XP INVESTE
PARA NÃO VIRAR REFÉM

Depois de ser alvo de hackers, que roubaram informações cadastrais de clientes e chantagearam o sócio-fundador **Guilherme Benchimol**, a XP Investimentos inaugura sua nova infraestrutura de no-breaks para evitar quedas de energia e possíveis falhas – e invasões – no sistema. Com custo de R$ 1,5 milhão, o projeto foi criado e desenvolvido em cerca de um mês pela americana Eaton, que é umas das principais fornecedoras de soluções para instituições financeiras no Brasil. Essa nova tecnologia é parte do plano de abertura de capital da XP na bolsa de valores, que deve acontecer em 2017.

SEGURANÇA BILIONÁRIA

Desde 2016, quando botou em prática o ambicioso plano de dobrar de tamanho num prazo de cinco anos, o Grupo GR, especializado em segurança e terceirização, passou a atacar várias frentes. Primeiro, começou a recrutar um novo time de diretores e, agora, acaba de contratar uma consultoria com o objetivo de deixar a "casa em ordem" para futuras aquisições. A meta: sair de um faturamento de R$ 450 milhões para R$ 1 bilhão. Segundo o CEO Mauricie Braustein, a companhia tem caixa para ir às compras, mas também não descarta a entrada de novos investidores.

A DIPLOMACIA DE SCHWARCZ

O empresário, editor e escritor **Luiz Schwarcz**, fundador da Companhia das Letras, tentou, a todo custo, evitar os entreveros que se sucederam entre o ministro da Cultura, Roberto Freire, e o escritor Raduan Nassar. Na cerimônia de entrega do Prêmio Camões, Nassar, o homenageado, fez duras críticas ao governo de Michel Temer. Em seguida, o ministro respondeu ao escritor, subindo o tom e provocando a ira da plateia. Era notório que Nassar, crítico ao governo Temer e ao impeachment de Dilma Rousseff, iria fazer um discurso inflamado. Diante disso, Schwarcz havia convencido o escritor, cuja obra completa é publicada pela Companhia das Letras, a encurtar a sua fala. Mas ação para evitar um quiproquó não deu certo.

INVERSÃO DE PAPÉIS

Pela organização, **Raduan Nassar** (sentado) deveria se pronunciar por último. Porém, cópias do discurso foram distribuídas momentos antes do evento. Ao tomar conhecimento do texto, **Roberto Freire** decidiu mudar a ordem das falas. Nos momentos que antecederam a cerimônia, Schwarcz tentou apaziguar os ânimos, sem sucesso. Nassar é um dos maiores escritores brasileiros, autor dos romances Lavoura Arcaica e Um Copo de Cólera. O Prêmio Camões, instituído pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988, é a maior honraria da literatura em Língua Portuguesa.

"Se acabar o foro, é para todo mundo. Suruba é suruba. Aí é todo mundo na suruba, não uma suruba selecionada"

Senador Romero Jucá (PMDB-RR), líder do governo no Senado, sobre o fim do foro privilegiado

CONEXÃO BRASIL-ITÁLIA

O consórcio "Cerimônias Cariocas 2016", formado pela produtora brasileira SRCOM e a italiana Filmmaster Group, foi criado em 2011 para gerenciar e realizar a produção executiva de grande parte dos eventos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, entre eles os shows de abertura e encerramento. Pois bem, depois de seis meses do fim da Olimpíada, a parceria voltou à tona. Há duas semanas, o presidente da SRCOM, Flávio Machado, voltou da Itália com uma série de projetos para serem desenvolvidas na América Latina, Estados Unidos, Coreia do Sul e Japão, o que vai colocar a empresa, definitivamente, no mercado internacional. Com a nova estratégia, a SRCOM espera incrementar seu faturamento, atualmente em R$ 100 milhões, em até 30%, nos próximos cinco anos. "Para 2017, nossa meta é conquistar três vezes mais projetos em outros países e fincar cada vez mais a nossa marca no exterior", diz Machado.

Sustentabilidade

POR RODRIGO CAETANO

SELVA **DE PEDRA**

O arquiteto italiano Stefano Boeri tem uma solução para a qualidade do ar nas grandes metrópoles, popularmente conhecidas como selvas de pedra: transformá-las, literalmente, em selvas. Seu escritório ficou famoso após ter criado um arranha-céu totalmente revestido por uma floresta tropical, em Milão, na Itália. Agora, ele trabalha na construção de um complexo de dois edifícios com o mesmo conceito, na cidade de Nanquim, na China. Cada torre será revestida de 23 espécies de árvores e mais de 2,5 mil arbustos, que serão plantados em varandas. Mas os planos chineses são muito maiores. Segundo o arquiteto, sua empresa recebeu a encomenda de planejar uma cidade inteira, com até 200 prédios de diferentes tamanhos, totalmente revestidos de vegetação. A primeira dessas selvas urbanas será implantada nos arredores de Luizhou, também na China, cidade de médio porte, com 1,5 milhão de habitantes. Pelos seus cálculos, esses edifícios verdes retiram da atmosfera, diariamente, 25 toneladas de carbono, e adicionam 60 quilos de oxigênio. "Acredito que as construções vão começar no final deste ano e a expectativa é ter as primeiras cidades-florestas ao final de 2020", afirmou Boeri, ao jornal britânico *The Guardian*. O projeto está sendo bancado por um fundo de investimentos controlado pelo governo chinês.

FLORESTA URBANA

O arquiteto Stefano Boeri desenvolveu um modelo e edifício totalmente revestido por plantas.

O PROJETO DE NANQUIN, NA CHINA, POSSUI:
- 23 tipos de árvores
- 600 árvores grandes
- 500 árvores de tamanho médio
- 2,5 mil arbustos

DIARIAMENTE, ELE RETIRA DA ATMOSFERA:
- 25 toneladas de CO_2

E ADICIONA:
- 60 kg de oxigênio

Armas

O MUNDO EM **PÉ DE GUERRA**

O comércio mundial de armamentos pesados chegou ao nível mais alto dos últimos dez anos. Entre 2012 e 2016, o volume de armas vendidas aumentou 8,4%, em comparação ao período entre 2007 e 2011, segundo levantamento feito pelo Instituto de Estudos da Paz em Estocolmo (Sipri), entidade que monitora o setor. Em 2016, os gastos militares mundiais ultrapassaram US$ 1,6 trilhão. Os Estados Unidos são os líderes desse mercado, respondendo por 33% do comércio, à frente da Rússia, com 23%. China (6,2%), França (6%) e Alemanha (5,6%) completam a lista dos cinco maiores vendedores de armas, que concentram 75% das exportações mundiais. Os dados do Sipri incluem apenas armamentos pesados, sem considerar armas leves e munições, segmento em que o Brasil está entre os cinco maiores. O maior importador foi a Índia, representando 13% do total, que foi seguida pela Arábia Saudita, com 8,2%. O país árabe praticamente triplicou suas compras nos últimos quatro anos.

SENHORES DA GUERRA
Os maiores exportadores e importadores de armas

EXPORTAM
Estados Unidos: 33%
Rússia: **23%**
China: **6,2%**
França: **6%**
Alemanha: **5,6%**

IMPORTAM
Índia: 13%
Arábia Saudita: **8,2%**
Emirados Árabes: **4,6%**
China: **4,5%**
Argélia: **3,7%**

Finanças

SEM DINHEIRO **PARA DEVASTADORES**

O banco HSBC comunicou que não mais se relacionará com empresas que causam desflorestamento para produzir óleo de palma. Trata-se de uma atualização das políticas do banco, que já adotava a postura de não emprestar para empresas que realizam queimadas e exploram trabalho análogo à escravidão ou infantil. A mudança foi feita a pedido de ONGs como o Greenpeace. Recentemente, investigações independentes mostraram que o HSBC dava suporte financeiro à empresa coreana Posco Daewoo, que possui uma subsidiária acusada de devastar grandes áreas na Papua Nova Guiné para a produção do óleo de palma.

Desigualdade

SALÁRIO **GARANTIDO**

O bilionário **Elon Musk**, fundador da Tesla, fabricante de carros elétricos, e da SpaceX, empresa de transportes espaciais, acredita na ideia de uma renda universal básica. Musk não só defende a instituição de um salário mínimo garantido a todos os cidadãos do mundo , como afirma que isso será necessário, no futuro. "Haverá cada vez mais trabalhos feitos por robôs", afirmou o empresário, em um evento recente realizado em Dubai, nos Emirados Árabes. "Para deixar claro, isso não é algo que eu quero que aconteça; é algo que, provavelmente, vai acontecer." A falta de emprego, para ele, tornará a renda básica universal inevitável. Musk, no entanto, alerta para o risco da falta de propósito na vida, no momento em que o trabalho não será mais necessário para se sobreviver. Isso, diz ele, será um problema ainda maior para a sociedade.

Empresas do Bem

Inclusão

FÉRIAS **PARA TODOS**

A companhia aérea americana Virgin Atlantic está desenvolvendo pacotes de viagens amigáveis para pessoas autistas e seus familiares. O projeto é feito em parceria com uma entidade americana fundada por pais de crianças com a doença. A ideia é realizar treinamentos com funcionários em determinadas localidades, como a Flórida (EUA), e oferecer um guia de informações para ajudar as famílias a se preparem para a viagem.

FOTOS: DIVULGAÇÃO | SHUTTERSTOCK | AFP PHOTO/ BEN STANSALL | AP PHOTO/RINGO HW. CHIU

"Este será um ano de bastante barulho na política"

Quando o cientista político João Augusto de Castro Neves trocou os corredores agitados de Brasília pelos Estados Unidos, em 2010, ele não imaginava o caos político que encontraria na capital americana.

Por Paula BEZERRA

Mas o presidente Donald Trump não é a principal preocupação do brasileiro, que tem uma visão privilegiada dos problemas nacionais. Especialista em integração regional e política externa, Castro Neves deixou a CAC, consultoria de análise e estratégia da qual era co-fundador, para liderar a equipe de riscos de América Latina e Brasil na consultoria Eurasia Group. Em 2014, ele previu a reeleição da presidente Dilma Rousseff e, desde então, ganhou notoriedade pelas previsões assertivas sobre o turbulento momento político do País, que ajudaram a consultoria americana a virar referência global no diagnóstico doméstico e regional. Agora, além de avaliar os impactos da Lava Jato para a economia, ele adicionou o risco Trump à agenda brasileira. Saiba como isso pode afetar os seus negócios na entrevista a seguir:

 FOTO: DIVULGAÇÃO

DINHEIRO – Como o senhor avalia os rumos da Operação Lava Jato para o Brasil?

JOÃO AUGUSTO DE CASTRO NEVES – *Para começar, temos que avaliar a maneira como estamos vendo o Brasil e o governo Michel Temer. O País está passando por dois grandes ciclos de transformação. O primeiro é mais óbvio e mais planejado, que é a agenda de reformas. Algumas delas começaram de uma maneira mais discreta com o ex-ministro da Fazenda, Joaquim Levy, como uma correção ao rumo da economia, e estão sendo aprofundadas com Temer. A agenda de reformas fiscais, por exemplo, é bem ambiciosa. O segundo ciclo vem da Lava Jato e dessas investigações. Isso mostra a estrutura de um Judiciário mais independente e com autonomia. Mas é, também, o fechamento de um processo transformador, de mudança da relação público e privado no Brasil, entre os principais atores, o Estado e as empresas.*

DINHEIRO – Há chance de tentarem barrar essas investigações?

CASTRO NEVES – *Mesmo se tentarem conter as investigações, a Lava Jato não vai acabar. Agora começa uma reação da classe política, que pode tentar barrar as investigações, principalmente, porque estão ficando mais próximas a eles. Antes, o foco estava concentrado nas empresas. Isso será suficiente para conter as investigações da Lava Jato? Eu acho que não. A questão das delações veio para ficar. A natureza da Lava Jato está descentralizada. Não é mais o juiz Sérgio Moro, em Curitiba. Há desdobramentos no Rio de Janeiro e em outros estados; e inclusive no próprio Supremo Tribunal Federal. O processo passou a funcionar como células independentes no País, o que torna muito difícil um movimento para conter as investigações. Apesar de ter dado sinais ambíguos e de ter indicado algumas pessoas que podem estar envolvidas no esquema de corrupção, o próprio Temer vai tomar decisões a favor das investigações, se em algum momento for pressionado. Foi o que ele fez quando demitiu ministros envolvidos. Então, creio que a Lava Jato é um ciclo que continua ainda mais intenso e como uma nuvem negra que ameaça o sistema político como um todo.*

DINHEIRO – Quais as chances de o presidente Michel Temer não concluir o mandato?

CASTRO NEVES – *O governo Temer sobreviverá. Apesar dessa turbulência, existe um custo grande e crescente de tirar o presidente. Primeiro, porque é difícil. A possibilidade de o presidente sair por um impeachment é quase impossível. Existem todas as especificidades legais. Óbvio que existe a possibilidade de o relator do Tribunal Superior Eleitoral* [Herman Benjamin] *pedir a cassação da chapa nas próximas semanas. É mesmo provável que o relator peça, mas é improvável que o TSE siga por esse caminho. Mas, à medida que Temer tiver mais tempo para aprovar as reformas e a economia der sinais de recuperação, isso reduz a pressão no Judiciário para tirá-lo. Todo o caos político vai gerar impactos econômicos e aprofundar mais a crise. Também, para colocar um novo presidente, o único cenário com a queda de Temer é o de eleição indireta. Isso causaria mais pressão, já que seria alguém com menos legitimidade. A população é muito crítica ao Congresso.*

DINHEIRO – Esse cenário todo pode impactar as próximas eleições?

CASTRO NEVES – *Ainda é muito cedo para fazer uma previsão específica para 2018, mas conseguimos observar duas características. A primeira é a despolarização. Tudo indica que 2018 será semelhante às eleições de 1989, em que tínhamos muitos candidatos competitivos. Hoje, já vemos alguns nomes como Ciro Gomes, Jair Bolsonaro, Ronaldo Caiado, além de três ligados ao PSDB. Então, esse cenário de fragmentação é mais competitivo, o que torna mais difícil fazer uma previsão – até porque qualquer um pode ir para o segundo turno. A segunda característica é esse sentimento antipolítica e de frustração com a classe política que não está entregando o que a população quer. É o que observamos nos EUA, com a eleição do Donald Trump, e na Europa, com o Brexit. Essas duas características aumentam o risco Brasil.*

DINHEIRO – Essa frustração pode criar um Donald Trump brasileiro?

CASTRO NEVES – *O que eu colocaria como observação é que o sistema político do Brasil dá muita importância aos partidos tradicionais, diferentemente dos EUA e da Europa. O tempo de horário político na televisão, o financiamento de campanha, tudo isso reduz muito a chance de um forasteiro vencer uma eleição. Claro que não elimina o risco, mas reduz muito. Um exemplo disso foi a eleição municipal em 2018, com o candidato João Dória vencendo a prefeitura de São Paulo. Ele era um candidato não político, mas filiado a um partido tradicional. Hoje, o não político parece ser uma vantagem. Isso pode ser uma opção para os partidos mais tradicionais, não só na direita, mas na esquerda também. Mas também não podemos considerar que houve uma guinada à direita no Brasil. Porque, na verdade, o que houve foi uma explosão do PT. Se tirar o PT do cálculo, os outros partidos não perderam forças. A guinada para a direita na eleição municipal foi menos ideológica. Não foi uma busca pela direita, foi uma crítica ao PT. Não por ser de esquerda, mas por ter presidido o Brasil em uma das piores crise econômicas.*

> "O governo Temer sobrevive. Apesar dessa turbulência, existe um custo grande e crescente para tirar o presidente"

Presidente Michel Temer, em anúncio do programa Agro+, em São Paulo

DINHEIRO – A continuidade da crise econômica pode aprofundar a instabilidade política?

CASTRO NEVES – *Em termos econômicos, o pior já passou. O fundo do poço foi em 2016. O lado bom, de fato, é a retomada. O PIB já entra em território positivo, depois de dois anos no campo negativo. O Brasil teve uma década perdida em três anos, em termos de crescimento. Então, neste ano, o PIB já será*

FOTO: MARIVALDO OLIVEIRA/CÓDIGO19

melhor que no ano passado e a inflação vai convergir para a meta. Mas ainda não saímos totalmente da zona de perigo. O grande problema é o desemprego. Mesmo com a retomada econômica, ele permanecerá alto e isso cria cenários de tensões, ainda mais no contexto de o presidente tentar implementar propostas impopulares. O risco de protestos continuará. O grande ponto é que não era um problema só. Não era o PT. Houve uma lista de fatores que causaram a crise, da má administração do governo Dilma à queda no preço das commodities. Porém, existem problemas estruturais, como a questão da previdência. Isso vem de muito antes. A recuperação da economia está demorando porque o problema é mais profundo do que achavam. Viramos a esquina agora com melhorias lentas, mas os riscos políticos continuarão. A Lava Jato, mesmo sem ferir de morte, pode impactar os ministérios e produzir volatilidade. Este será um ano de bastante barulho na política.

DINHEIRO – A agenda de reformas é o suficiente para conseguir conter a crise?

CASTRO NEVES – *Difícil saber, mas temos algumas que são cruciais. A direção está correta. A mudança de direção foi dada por meio do ajuste proposto pelo ex-ministro Joaquim Levy. Ele não tinha apoio da presidente Dilma, porque foi uma correção movida pela necessidade, e não pela convicção. Neste caso, Temer é movido pela convicção. O debate é para ver se está acontecendo na velocidade que tem de ser. As reformas são o ponto chave para que o Brasil comece a retomar um ritmo de crescimento sustentável. Lembrando que o crescimento nos últimos anos foi fortemente baseado no consumo e na exportação. Hoje, porém, o desafio é tentar equilibrar com um crescimento movido pelo investimento por meio de setores chaves, como infraestrutura. É isso que estão tentando fazer. Abriram o pré-sal, vão tentar melhorar marcos regulatórios para atrair mais investimentos. É uma transição lenta.*

DINHEIRO – Mas o que o governo precisa entregar até o final do ano para conter o risco Brasil?

CASTRO NEVES – *As principais reformas. Talvez o governo não consiga tudo, mas a questão fiscal e a da previdência, deve conseguir. Eu somaria na hierarquia do governo duas crises paralelas às estruturais (que são a previdência, a trabalhista e a tributária): as reformas microeconômicas e a questão do petróleo. O mais importante é sinalizar aos investidores que a situação fiscal está se estabilizando. Se Temer passar a reforma da previdência e algumas outras pontuais, entrará para a história como o presidente que conseguiu imprimir essa mudança de curso para uma racionalidade fiscal maior. E abriria caminho para um próximo presidente se concentrar em uma nova rodada de reformas, como a tributária e a de comércio exterior.*

DINHEIRO – Quais são os principais riscos que o presidente Donald Trump pode trazer para a América Latina e para o Brasil?

CASTRO NEVES – *Donald Trump significa um risco geopolítico, dada a relação diferente com a Rússia e com a China. Para a economia, ele vem com uma escalada protecionista. Agora, pretende renegociar o Nafta e saiu da Parceria Transpacífico, o TPP. Isso tudo é negativo para o mundo. São exemplos protecionistas globais que também são ruins para o Brasil. O que não podemos esquecer é que o Brasil é uma economia muito fechada na relação comercial, o que relativiza as perdas com mudanças de rumos geopolíticos, diferente do México, que está à mercê dos EUA. Com o governo Trump, a América Latina tem agora uma nova oportunidade de se reorganizar localmente com o governo Trump. É como se existisse uma nova linha de Tordesilhas dividindo os países protecionistas do Mercosul dos liberais da Aliança do Pacífico. Esse é o momento dessa linha se apagar e dos países criarem iniciativas para estreitar os laços comerciais. Somado a isso, também tivemos mudanças no governo da Argentina e do Brasil. A política comercial brasileira, nos últimos 15 anos, deixou muito a desejar. O Brasil ficou para trás por estar vinculado ao Mercosul. O Trump zerou esse jogo. Acabou com o TPP, com o acordo com a União Europeia. O que isso significa para o Brasil? O País vai ter uma oportunidade de eliminar o atraso. A começar pelo Mercosul, com a Argentina.*

> "O Brasil ficou para atrás por estar ligado ao Mercosul. O Trump zerou esse jogo"

Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em comício na Flórida

DINHEIRO – Mas o Brasil tem a ganhar com o Trump?

CASTRO NEVES – *Ganhar com o Trump é pedir demais, mas não temos o risco que o México tem. Se eu falar que o Brasil tem algo a ganhar, pode parecer ingênuo. Porém, o País não está no radar do republicano. Isso é bom. Podemos aproveitar para atualizar nossa agenda comercial. É preciso levar em consideração, porém, que o Brasil não é uma prioridade.*

DINHEIRO – A China vai ocupar o vácuo deixado pelos EUA no contexto internacional?

CASTRO NEVES – *A tendência é que os EUA se retraiam economica e politicamente. No entanto, não existe vácuo político no contexto global. Ele será tomado por outros países. Na Ásia, o mais natural é que a China ocupe esse lugar. Mas vai variar de região para região. Trump questiona as instituições do pós-guerra, como o Banco Mundial, o FMI, a ONU. Enquanto a China constrói novas instituições, o que tende a ganhar força no mundo. Com a maior potência global imprevisível, o Brasil e outros países terão incentivo para não depender apenas de um país. O papel da China na economia mundial vai aumentar, embora ela não consiga substituir os EUA. Nenhum país tem esse papel, mas o mundo será mais fragmentado.*

 FOTO: JOE RAEDLE

EDITOR E DIRETOR RESPONSÁVEL
DOMINGO ALZUGARAY

EDITORA
CÁTIA ALZUGARAY

PRESIDENTE EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

ISTOÉ Dinheiro

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
MILTON GAMEZ

TEXTO
Redator-Chefe: Carlos Sambrana
Editores: Cláudio Gradilone, Hugo Cilo, Luís Artur Nogueira, Márcio Kroehn e Ralphe Manzoni Jr.
Editores-Assistentes: Gabriel Baldocchi, Flávia Galembeck e Rodrigo Caetano
Reportagem: Carlos Eduardo Valim, Ivan Ryngelblum, Moacir Drska, Paula Bezerra e Roger Marzochi

ARTE
Diretor de Núcleo: Paulo Roberto Aloe
Chefe de Arte: Cinthia Behr
Diagramadores: Iara Spina, Jefferson Barbato e Christiane Pinho
Ilustração: Evandro Rodrigues (chefe) e Ricardo Alonso
CTI: Daniel Costa (chefe)
Projeto Gráfico: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ONLINE
Editores: Carlos Dias e Geovana Pagel Reportagem: André Jankavski
Webdesign: Marianne Braack

FOTOGRAFIA
Pesquisa: Bruno de Los Santos Fortuna Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello. Secretária: Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro. Auxiliar: Lucio Fasan
Secretária em Brasília: Suely Melo

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala
Diretor de Vendas Pessoais: Wanderlei Quirino
Gerente OnLine e Projetos Especiais: Solange Chiarioni
Gerente de Venda Avulsa e Logística: Luciano Sinhorini
Gerente Geral de Planejamento: Reginaldo Marques

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira das 9h às 20h30.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

MARKETING – Diretor: Rui Miguel. Assistente de Marketing: Andréia Silva

PUBLICIDADE – Diretor Nacional: Maurício Arbex
Diretoras de Publicidade: Ana Diniz, Tida Cunha. Secretária de Diretoria: Regina Oliveira.
Executivos de publicidade: Andréa Pezzuto, Elisângela Simões, Luciano Tomaz e Tânia Macena Executivos de Negócios: Batista Foloni Neto, Eduardo Nogueira, João Fernandes, Luiz Sérgio Siqueira, Regiane Valente. Assistentes: Valéria Esbano
Executiva de Negócios Mídias Digitais: Carla Dubinskas Coordenador: Gilberto di Santo Filho. MARKETING PUBLICITÁRIO E EVENTOS – Gerente: Maria Bernadete Machado
Assistentes de Marketing Publicitário e Eventos: Marília Gambaro e Marília Trindade.
Criação – Redator: Bruno Modolo, Arte: Pedro Roberto de Oliveira. RIO DE JANEIRO-RJ: Gerente-Executiva: Felipe Drummond. Coordenadora de Publicidade: Dilse Dumar. Tel.: 21 2107 6667 · Fax: 21 2107 6669 – BRASÍLIA-DF: Gerente: Marcelo Strufaldi. Tel.: 61 32231205 / 32231207 · Fax: 61 32237732 – ARACAJU-SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: 79 3246 4139 / 9978 8962 – BELÉM-PA: Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: 91 3242 3367 / 8125 2751 – BELO HORIZONTE-MG: Célia Maria de Oliveira · 1ª Página Publicidade Ltda. Tel./fax: 31 3291 6751 / 9983 1783 – CAMPINAS-SP: Wagner Medeiros · Parlare Comunicação Integrada · Tel.: 19 8238 8808 / 3579 8808 – CURITIBA-PR: Maria Marta Graco · M2C Representações · Tel./fax: 41 3223 0060 / 9962 9554 – FLORIANÓPOLIS-SC: Anuar Pedro Júnior e Paulo Velloso · Comtato Negócios · Tel.: 48 9986 7640 / 9989 3346 – FORTALEZA-CE: Leonardo Holanda · Nordeste MKT Empresarial · Tel.: 85 9724 4912 / 8832 2367 / 3038 2038 – GOIÂNIA-GO: Paula Centini · Centini Comunicação · Tel./fax: 62 9221 5575 / 3624 5570 – PORTO ALEGRE-RS: Roberto Gianoni e Thiago Soll · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda. · Tel./fax: 51 3388 7712 RECIFE-PE: André Nicéas e Eduardo Nicéas · Nova Representações Ltda. · Tel./fax: 81 3227 3433 / 9164 1043 / 9164 8231 – RIBEIRÃO PRETO-SP: Andréa Gebin · Parlare Comunicação Integrada · Tel.: 16 3236 0016 / 8144 1155 – VILA VELHA-ES: Didimo Effgen · Dicape Representações e Serviços Ltda. · Tel./fax: 27 3229 1986 / 8846 4493 – INTERNACIONAL: Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda. · Tel.: 55 11 99163 3062

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel: 11 3618 4200 · Fax da redação: 11 3618 4199.
Sucursais: Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso nº 63, sala 1510, tel.: 21 2107 6650 e fax 21 2107-6661, Brasília: SCS, Quadra 2, Bl. D, Ed. Oscar Niemeyer, sala 201 a 203, tel.: 61 3321 1212 e fax 61 3225 4062.
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda.
Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil: FC Comercial e Distribuidora S.A., Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, 1678, sala A – Osasco-SP. Tel.: 11 3789 3000
Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – CEP 07750-000 – Cajamar – SP.

ANER

CARTAS, E-MAILS E MENSAGENS

O novo plano de voo da Embraer

Estamos no caminho certo. Com certeza, a Embraer tem um futuro promissor com profissionais totalmente engajados para o sucesso. Esse é um dos nossos diferenciais.

Sivoney Silva
Comentário via Facebook

Edson Godoy Bueno: um homem e sua obra

Homem de muita fibra e generoso.

Osmar Figueira
Comentário via Facebook

Por que a Heineken precisava da Schin

A Schin tem distribuição e as fábricas montadas. Agora, vão fazer cerveja de qualidade. Chega de cereais não maltados.

Arnaldo Probo
Comentário via Facebook

É sempre bom ter investimento. Tomara que adicionem mais competitividade ao mercado.

Paulo Lima
Comentário via Facebook

Rio de lágrimas

Atenas é uma cidade repleta de luxo, ostentação e sofisticação. Esse mundo bilionário, para alguns, se confronta com a realidade miserável de vários. Falta água, saneamento básico, pessoas dormem nas calçadas para conseguirtomar uma sopa que, muitas vezes, será a única refeição do dia.

Luiz dos Santos
Comentário via Facebook

Resultado de um Estado paternalista e "cuidador".

Fábio Sena
Comentário via Facebook

Acelera, Ilan!

Eu incluiria nestes itens como a queda na arrecadação de impostos. Com menos produção e empregos há menos vendas e menos alíquotas. Estados já faliram porque, além da má administração, viram suas receitas despencarem. O governo mantém os juros altos no intuito de conter a inflação e de receber mais investimentos pelos seus títulos. No entanto, esses títulos precisam ser pagos e, quanto mais alto o juro, mais se paga.

Emerson Kikuda
Comentário via LinkedIn

O segredo é ninguém comprar eletroeletrônico, carro, moto. Se comprar apenas o arroz e o feijão, quero ver se os preços não baixam.

Valdson Arruda
Comentário via Facebook

Será que Leman conseguirá comprar a Unilever?

O Lemann é muito obstinado. Essa primeira proposta é apenas a isca. Em breve, o negócio irá se concretizar.

Eudevan Miranda
Comentário via LinkedIn

Com certeza já ocorreram conversas prévias nos bastidores. Em curso, deve estar apenas a estratégia. No desenrolar das negociações é que irão surgir os ajustes necessários para a conclusão do negócio.

Vitor Amaral
Comentário via LinkedIn

Fale conosco

Cartas para esta seção, com endereço, RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, DINHEIRO, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo - SP, CEP 05067-900. Fax: (011) 3618-4109. Internet: Acesse o portal www.istoedinheiro.com.br, escreva mensagens nas páginas da revista nas redes sociais ou mande e-mail para faleconosco@istoedinheiro.com.br. As cartas e mensagens poderão ser editadas em razão de seu tamanho ou incompreensão.

Nas àguas da privati

Ao aprovar a venda da Cedae, a Assembleia do Rio derruba o maior entrave ao socorro da União aos Estados: a venda de ativos

Luís Artur NOGUEIRA

COM UMA DÍVIDA DE R$ 2,36 MILHÕES com fornecedores e prestadores de serviços, a Prefeitura de São Luiz do Paraitinga cancelou o tradicional Carnaval de Marchinhas, que atrai milhares de pessoas todos os anos à estância turística no Vale do Paraíba, localizada a 175 quilômetros da capital paulista. Em tom de pesar, a nota oficial informa que "a

FOTO: DOMINGOS PEIXOTO

Muralha humana

Policiais protegem a Assembleia Legislativa, que aprovou, na segunda-feira 20, a venda da companhia de saneamento Cedae (à esq.)

zação

realização do Carnaval desequilibraria ainda mais as contas públicas, afetando setores essenciais, como saúde, educação e transporte, não podendo a atual administração ficar indiferente à sua responsabilidade de gerir com sensatez e eficiência o município diante de uma grave crise financeira". A exemplo desta pequena cidade paulista de pouco mais de 10 mil habitantes, inúmeros municípios espalhados pelo País tiveram de cancelar ou encolher as festividades que dependiam de verba pública. Diante da caótica situação fiscal de Estados e municípios, o único caminho responsável para os governantes programarem um Carnaval menos austero, em 2018, passa necessariamente pelo corte de gastos e pela vendas de ativos.

As privatizações são a espinha dorsal do Regime de Recuperação Fiscal (RRF), o programa da União que prevê contrapartidas dos Estados que receberem ajuda. O RRF, que ainda será debatido e votado no Congresso Nacional, prevê a venda de ativos estaduais nos setores financeiro, de energia e de saneamento. O primeiro passo foi dado justamente por quem está no topo da lista de dificuldades financeiras: o Rio de Janeiro. Na segunda-feira 20, a Assembleia Legislativa aprovou, sob fortes protestos de servidores no lado externo, o projeto que permite a privatização da Cedae, a companhia de saneamento do Rio de Janeiro. Com isso, a administração do governador Luiz Fernando Pezão poderá oferecer as ações da empresa como garantia ao empréstimo de R$ 3,5 bilhões junto a bancos federais. O dinheiro será necessariamente utilizado para pagar os salários atrasados do funcionalismo.

A decisão do Legislativo fluminense quebra uma importante barreira ideológica contra as privatizações. Curiosamente, a oposição à venda de ativos parece ser mais intensa justamente nos Estados que estão com maior dificuldade no caixa. Além do Rio, Minas Gerais e Rio Grande do Sul já decretaram estado de

O presidente Temer e o ministro Meirelles não abrem mão das contrapartidas dos Estados

calamidade financeira, mas será necessária uma articulação política forte o suficiente para aprovar a venda de suas joias, como a Cemig e o Banrisul, respectivamente. **"Não dá para Estados e municípios quebrados continuarem a ter ativos públicos que sirvam de cabide de emprego", afirma Alex Agostini, economista-chefe da agência de classificação de risco Austin Rating**, que elenca inúmeros benefícios das privatizações. "Além de gerar recursos para o caixa e reduzir os gastos com essas empresas, a privatização tende a melhorar os serviços prestados à sociedade, aumentando, inclusive, a arrecadação de impostos."

Para que os Estados possam contrair novos empréstimos, o governo federal pretende suspender temporariamente as exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal. Outro ponto defendido pela equipe econômica nas negociações é a redução de incentivos tributários que foram concedidos a empresas privadas. O RRF prevê ainda um benefício muito importante para os Estados que estão com a corda no pescoço. Trata-se do congelamento do pagamento da dívida com a União por um prazo de até três anos, prorrogável pelo mesmo período. Até lá, os governadores precisarão promover programas de demissão voluntária para enxugar a máquina pública. De todas as exigências colocadas no projeto, uma, em especial, tem potencial para gerar manifestações ruidosas do funcionalismo público. É a elevação da contribuição previdenciária dos servidores ativos, inativos e pensionistas para, no mínimo, 14%. Se necessário, o Estado ainda poderá criar uma alíquota extraordinária e temporária. "A sociedade tem de fazer uma escolha entre aumentar a contribuição previdenciária ou reduzir os benefícios", afirma Gesner Oliveira, o economista e sócio da consultoria GO Associados. "É o único jeito de manter o sistema solvente. Não tem milagre."

Gesner, que presidiu a Sabesp (companhia de saneamento do Estado de São Paulo) entre 2007 e 2010, aprova a decisão dos deputados fluminenses de privatizar a Cedae, que tem perdas de faturamento da ordem de 50%. Na sua avaliação, os Estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul poderão aproveitar o exemplo do Rio para aprovar a venda de algumas de suas estatais. O governo, por ora, comemorou. "É uma medida de conscientização da classe política de que a situação financeira do Estado do Rio é muito grave", afirmou o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, ao comentar o resultado da votação na Assembleia Legislativa. "Precisam ser tomadas medidas para que o Estado possa voltar a pagar suas contas, pagar salários, aposentadorias e fornecedores." Já ficou claro para os governadores que, sem as privatizações, não haverá socorro aos Estados.

TOMA LÁ, DÁ CÁ

Conheça as principais exigências e os principais benefícios que estão previstos no programa de socorro financeiros aos Estados

Benefícios aos Estados

- Congelamento do pagamento da dívida com a União por até três anos
- Suspensão das exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal para que os Estados possam contrair empréstimos
- Empréstimos com garantia da União, que será o penhor das ações das empresas estatais

Contrapartidas exigidas pela União

- Autorização para privatizar empresas dos setores financeiro, de energia e de saneamento
- Elevação da alíquota de contribuição previdenciária dos servidores ativos, inativos e pensionistas para, no mínimo, 14%
- Reduzir incentivos tributários concedidos a empresas privadas

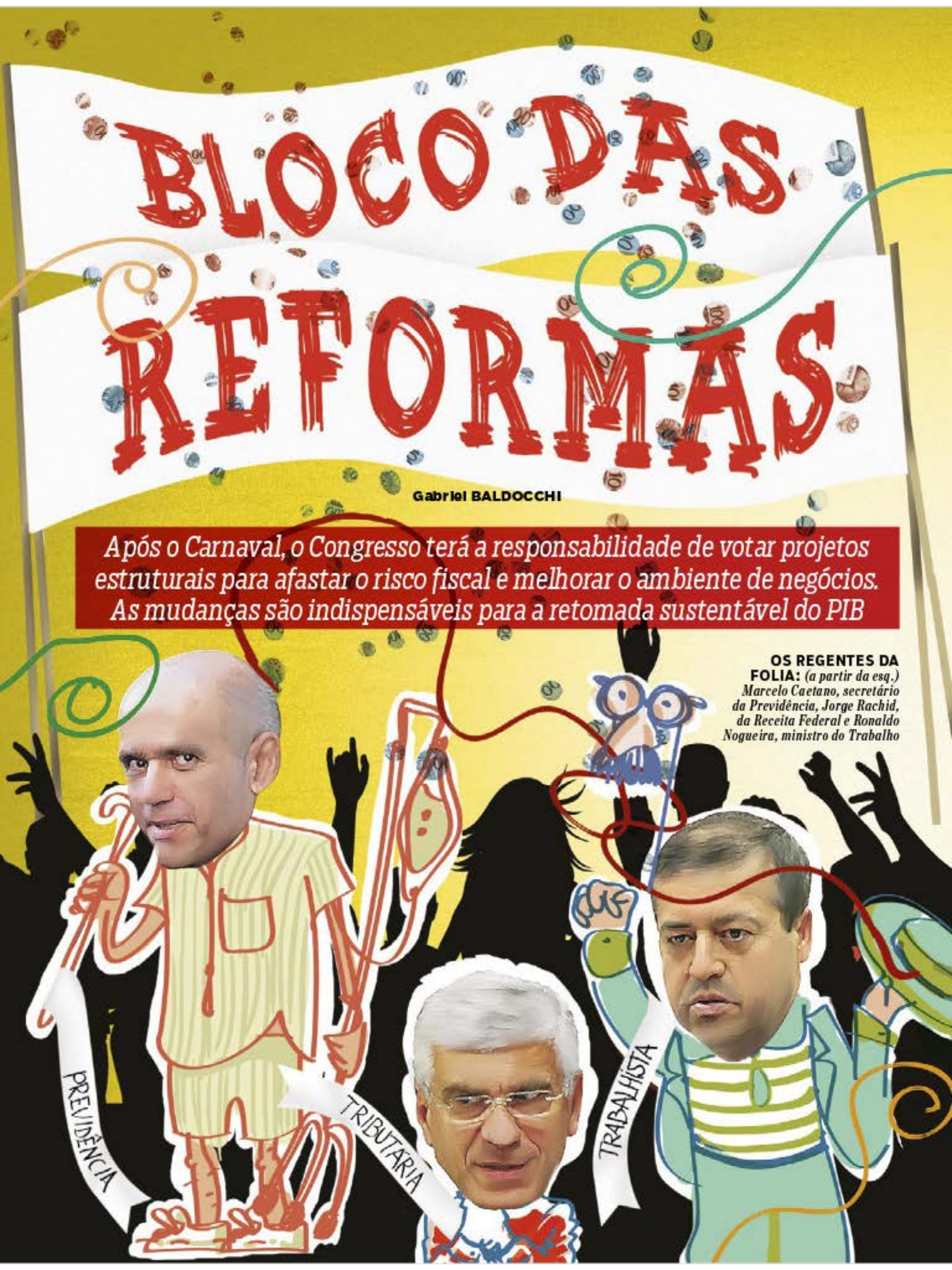
Fonte: governo federal

FOTO: JORGE WILLIAM

BLOCO DAS REFORMAS

Gabriel BALDOCCHI

Após o Carnaval, o Congresso terá a responsabilidade de votar projetos estruturais para afastar o risco fiscal e melhorar o ambiente de negócios. As mudanças são indispensáveis para a retomada sustentável do PIB



OS REGENTES DA FOLIA: *(a partir da esq.) Marcelo Caetano, secretário da Previdência, Jorge Rachid, da Receita Federal e Ronaldo Nogueira, ministro do Trabalho*

REFORMAS NO CONGRESSO

FOLIA NO PROTESTO: *em manifestação contra os juros altos, na quarta-feira 22, sindicalistas simularam um Carnaval antecipado*

Na quarta-feira 22, poucas horas antes de o Banco Central realizar a reunião para decidir a taxa básica de juros, sindicalistas tomaram faixas da avenida Paulista, no coração financeiro do País, para pressionar por um corte mais agressivo da Selic. O "bloco dos juros baixos" simulou um Carnaval antecipado, com fantasias, banda, ala das baianas e marchinhas que diziam o seguinte: *"Explode coração/ de tanta felicidade/ em ver os juros baixos/ mais trabalho e saúde pra cidade"*. A redução dos juros é uma das pautas mais consensuais da economia hoje. Reúne do mesmo lado trabalhadores e empresários, que nem por isso concordam em como chegar lá. Enquanto os "foliões da Paulista" protestam contra a reforma da Previdência, por exemplo, os representantes da iniciativa privada enxergam nela um pilar para sustentar um nível mais baixo do custo do capital nos próximos anos.

Uma convenção informal diz que o ano só começa depois da Quarta-feira de Cinzas. A máxima é ainda mais verdadeira para o Congresso. Depois do Carnaval, entrará em cena no Legislativo um verdadeiro bloco das reformas necessárias para devolver ao País as condições de crescimento sustentado: a trabalhista, a tributária e a da Previdência. Esta última se destaca como a comissão de frente. Sem ela, o teto dos gastos aprovado no ano passado não para em pé. É, portanto, condição essencial para estancar a tendência explosiva da dívida pública. Os cenários da maior parte dos analistas incorporam a aprovação do projeto. "Se não aprovar, não tem a retomada do PIB e poderíamos até ter recessão", afirma Marco Bismarchi, sócio da TAG Investimentos. Num cenário mais drástico, traçado pela Tendências Consultoria, a recessão chegaria a quase 2% neste ano sem a revisão das aposentadorias elaborada pelo economista Marcelo Caetano, secretário de Previdência.

PREVIDÊNCIA

RELATOR: Arthur Maia (PPS-BA)

RESUMO: Estipula **idade mínima de 65 anos para a aposentadoria,** sem diferença entre homens e mulheres, acaba com a aposentadoria especial de professores, com regra de transição para quem tem 45 anos ou mais

PREVISÃO DE APROVAÇÃO: 2º semestre

TRABALHISTA

RELATOR: Rogerio Marinho (PSDB-RN)

RESUMO: Prevê que a negociação entre patrões e funcionários pode se sobrepor à legislação, regulamenta a terceirização etc.

PREVISÃO DE APROVAÇÃO: 1º semestre

TRIBUTÁRIA

RELATOR: Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR)

RESUMO: Extingue seis tributos, cria o IVA (Imposto sobre Valor Adicionado), o "Superfisco" e prevê a volta da CPMF

PREVISÃO DE APROVAÇÃO: indefinido

A reforma afasta a hipótese de calote, diminui o risco-país, contribui para atrair mais recursos do exterior, sustentando um dólar mais barato. O resultado é um efeito positivo na inflação, que permite um nível de juros mais baixo. A TAG prevê um crescimento de 0,5% do PIB neste ano. Já a Tendências trabalha com o cenário-base de PIB de 0,7%, com 60% de probabilidade de se confirmar. Uma conjunção de fatores cria um ambiente mais propício para aprovação do que nas tentativas anteriores: a pressão do teto de gastos, a atual devastação da economia e a necessidade de contrapor o avanço da Lava Jato com uma pauta propositiva. A revisão do sistema obriga os brasileiros a trabalhar mais tempo, com regras como a adoção da idade mínima de 65 anos e a equivalência entre homens e mulheres. "Reforma da Previdência não dá voto em lugar nenhum do mundo", afirma Carlos Melo, cientista político do Insper. "Quem está fazendo isso são as circunstâncias: o governo entende que o que pode salvar é a melhora da economia." Ele alerta, porém, para o risco de alterações de parlamentares que podem minar os efeitos pretendidos. "A reforma se faz não pelo título de sua aprovação, mas porque há problemas fiscais."

Alguns pontos de consenso já parecem claros no Legislativo. Ao que tudo indica, serão afrouxadas as regras de transição, que exigem um pedágio para os trabalhadores com 45 anos ou mais, e no tempo

FOTOS: RODOLFO STUCKERT | MARCELO S. CAMARGO | BETO BARATA | DIVULGAÇÃO

EM REUNIÃO COM OS MEMBROS DA COMISSÃO DA REFORMA DA PREVIDÊNCIA, NA TERÇA-FEIRA 21, ***TEMER REFORÇOU A NECESSIDADE DE REVISAR AS REGRAS DA APOSENTADORIA***

necessário para se conquistar o teto do benefício, de 49 anos. Não faltarão pressões. **Uma emenda protocolada na quarta-feira 22 pelo deputado Paulinho da Força, da base aliada, prevê idade mínima de 60 anos para homens e 58 anos para mulheres. Segundo ele, o texto tem o apoio de cerca de 300 deputados.** Para os analistas, as negociações tornam incerta a previsão do governo de aprovação total no primeiro semestre – o Palácio espera uma votação no plenário da Câmara até abril. O mais provável é que a decisão final saia até meados do segundo semestre, embora o presidente Michel Temer venha tentando passar a mensagem de urgência. "Temos a consciência de que ou você arruma a casa de natureza previdenciária ou você tem mais adiante um desastre", afirmou em reunião com membros da Comissão da Reforma da Previdência, no Palácio do Planalto, na terça-feira 21. Para ser aprovada, a proposta precisa de maioria absoluta (257 deputados e 41 senadores), em dois turnos de votação em cada Casa.

MAIS REFORMAS Em paralelo à questão da aposentadoria, considerada a mais difícil das reformas, o governo vai colocar na avenida o bloco da modernização das leis trabalhistas. Enviada no final do ano passado, a proposta, comandada pelo ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, prevê como pontos principais a prevalência das negociações entre trabalhadores e patrões sobre a legislação, a ampliação do período de contrato temporário e a regulamentação da terceirização. O relator do projeto, deputado Rogério Marinho (PSDB-RN), estimou ser possível votar o relatório final na comissão no início de maio. Os debates incluem a convocação de mais de 100 especialistas e ao menos 16 audiências públicas por todo o Brasil. Os analistas enxergam menos resistência nas mudanças, o que poderia fazer com que a aprovação saísse antes da reforma da Previdência.

O governo Temer também decidiu endossar o texto da reforma tributária em tramitação no Congresso. A previsão é extinguir seis tributos e agregar a maioria deles no Imposto sobre Valor Agregado (IVA), cuja arrecadação ficaria a cargo de um Superfisco. No conjunto da reforma, que vem sendo debatida com o secretário da Receita Federal, Jorge Rachid, também está prevista a recriação da Contribuição sobre Movimentação Financeira (CPMF). Em reunião no Palácio do Planalto, na terça-feira 21, Luiz Carlos Hauly (PSDB-RN), ex-secretário da Fazenda do Paraná e relator da proposta, buscou afinar o texto com o governo. Segundo ele, o mecanismo que garante a manutenção da partilha atual dos recursos por um período de cinco anos aumenta as chances de apreciação desta vez. "A reforma tributária está mais avançada porque tem uma comissão instalada há mais de um ano", afirma Hauly. "Tão logo a gente chegue a um consenso do texto, o que deve durar mais uns dois meses, ela pode ir a plenário."

A questão tributária é vista como complexa pelos analistas, que consideram improvável uma aprovação neste ano, ao contrário do relator. Para eles, faz sentido uma pauta com reformas simultâneas. "Há lógica em tentar colocar tudo sabendo que não vai conseguir aprovar na íntegra", diz Melo. "Conseguir um pouco de cada, vai significar algo." Para a economia, o resultado significaria um ambiente de negócios mais dinâmico, com mais chances de garantir a sustentabilidade de juros razoáveis como cobrado pelo bloco da avenida Paulista. Em tempo: na reunião de quarta-feira 22, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central reduziu a taxa básica em 0,75 ponto percentual, repetindo a decisão do encontro anterior.

NO ATAQUE: Cedric Burel, CEO da Decathlon, que aproveita o apelo por preços baixos para crescer na recessão

Entrada de **investimentos estrangeiros surpreende e indica maior interesse por negócios no País**. Entenda por que companhias do exterior enxergam além da crise

Ivan RYNGELBLUM

A jogada dos GRINGOS NO BRASIL

Em meio a um ambiente de recessão prolongada, queda na renda e explosão do desemprego, as empresas de varejo apagaram de seus planos novos investimentos e se viram forçadas a reduzir suas operações. No ano passado, pouco mais de 100 mil lojas foram fechadas em todo o País. Enquanto isso, a multinacional de material esportivo Decathlon expandia a bandeira francesa para Belo Horizonte e Praia Grande, no litoral paulista. Até dezembro, a intenção do grupo é abrir duas novas unidades em São Paulo e outra em Porto Alegre, consolidando a presença local em 24 pontos de venda. A aposta no Brasil não é exclusividade dos franceses. Diante das incertezas que ainda pairam sobre a retomada, um amplo grupo de estrangeiros ensaia um passo à frente. Em janeiro, o nível de investimentos externos superou as expectativas oficiais e alcançou a maior marca já registrada para o mês, de US$ 11,5 bilhões. O que eles estão enxergando no País?

Para quem vem de fora, importa menos o curto prazo e mais o potencial de um mercado com quase 200

milhões de consumidores. "O Brasil hoje, para a Decathlon, é um mercado estabelecido e parte das nossas prioridades", afirma Cedric Burel, CEO da Decathlon. "É um bom momento para se investir pensando no longo prazo." Presente no País desde 2001, a rede fez a sua lição de casa para enfrentar a crise, cortando gastos operacionais, e aproveitou a oportunidade para crescer com o apelo de preços baixos. "Apesar da queda no consumo global de produtos esportivos, o nosso posicionamento quanto a custo-benefício nos ajuda a lidar com essa situação", diz Burel. A empresa viu um crescimento de 15% de seu faturamento, mas não revelou o montante obtido.

Movimentações de multinacionais como as da Decathlon vêm ganhando força. Especialistas relatam um aumento gradual de interesse dos estrangeiros desde o segundo semestre de 2016, após as primeiras sinalizações do governo em direção às reformas estruturais. "O investidor olha a situação e vê uma mudança significativa do ano passado para este", afirma Thiago Sendin, sócio da área de Fusões e Aquisições do escritório de advocacia Demarest. "Tem muita coisa vindo da Ásia, especialmente da China, e começamos a ver europeus voltando." Com a contribuição dos estrangeiros, a expectativa do escritório é de um crescimento de 15% na quantidade de negócios na área em 2017.

No ano passado, o volume de investimentos estrangeiros somou US$ 78,8 bilhões, levemente acima de 2015 (US$ 75,0 bilhões), segundo o Banco Central. O cálculo, porém, fica um pouco inflado ao incluir as remessas feitas por empresas brasileiras de suas subsidiárias no exterior. Pelas contas da ONU, que considera apenas as novas participações em negócios, o saldo em 2016 foi de US$ 50 bilhões, o que representa uma queda de 23%. "Não era perda de interesse dos estrangeiros, mas não dava para justificar aos conselhos de administração fazer investimentos em meio a tanta incerteza", afirma Alexandre Bertoldi, sócio-gestor do escritório de advocacia Pinheiro Neto.

"Em um momento de crise, você precisa estar preparado para aproveitar a retomada"

José Roberto de Paiva, vice-presidente de Desenvolvimento de Negócios da ABB

"O mercado brasileiro continua grande e promissor, mesmo sofrendo no curto prazo"

Guilherme Maradei, CEO da Merck Brasil

As projeções iniciais dos analistas indicavam cautela neste ano. Com o resultado de janeiro, no entanto, o otimismo voltou a predominar. **Em relatório, o Bradesco destacou que a projeção de ingresso de R$ 75 bilhões para 2017 parece conservadora diante dos últimos números.** A percepção é embasada pela constatação de que o volume de janeiro foi explicado por operações pequenas e médias em diversos setores, o que, segundo o banco, "deu muita consistência à tendência." O presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), Luis Afonso Lima, prevê uma redução das remessas das subsidiárias, o que deve reduzir o saldo se considerada a metodologia do Banco Central. Pelos critérios da ONU, no entanto, ele acredita que o Brasil será destaque no ranking global, ainda que o volume fique próximo do registrado no ano passado. "O Brasil deve subir no ranking, enquanto a Índia deve perder bastante", diz Lima.

O setor elétrico, que concentrou 60% dos ingressos de janeiro, aparece como uma das áreas mais promissoras. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) programou para março o próximo leilão de transmissão de energia, que deve ofertar 34 lotes por todo o País, com investimentos na casa de R$ 13 bilhões. De olho nessa demanda, a suíça ABB investiu US$ 10 milhões em uma fábrica de disjuntores de alta tensão para transmissão e distribuição de energia. "A fábrica servirá para aumentar a produção de conteúdo local, como uma plataforma de exportação e uma maneira de estarmos próximo aos clientes", afirma José Roberto de Paiva, vice-presidente de Desenvolvimento de Negócios e Relações Governamentais da companhia. Segundo ele, a crise brasileira teve impacto na ABB, com seus clientes reduzindo o ritmo de compras, mas a empresa, que opera no País desde 1912, nunca pensou em fechar as suas portas. "Em um momento de crise, você precisa estar preparado para investir, para aproveitar a retomada." A expectativa é que o

FOTOS: KIKO FERRITE | DIVULGAÇÃO

volume de negócios do setor de energia cresça 15% neste ano.

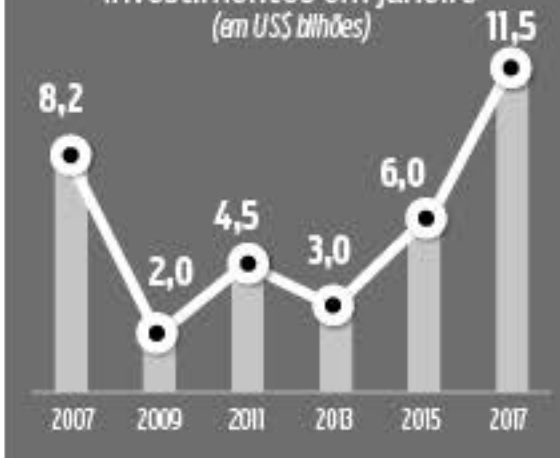
A indústria farmacêutica desponta como outra fronteira de investimento. O setor deve dobrar de tamanho nos próximos cinco anos, segundo a consultoria QuintilesIMS, especializada na área. A suíça Merck prevê aportes de R$ 100 milhões no País até 2020, para ampliar em até 60% a produção de comprimidos na fábrica de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, para 2,7 bilhões de unidades. Segundo Guilherme Maradei, CEO do grupo, o Brasil é um dos seis países prioritários para a companhia. "A Merck, assim como outras farmacêuticas, enfrentou um cenário difícil na crise, com muitos cancelamentos de compras por parte do setor público", afirma. "Mas o mercado brasileiro continua grande e promissor, mesmo que tenha sofrido uma redução no curto prazo."

Os estrangeiros também caçam oportunidades em pequenas e médias empresas, como a FS, que produz softwares para proteção de celulares e recebeu um aporte do fundo de investimentos Carlyle no começo do mês. A aquisição, cujos valores não foram revelados, representa a volta do fundo ao Brasil após dois anos. O foco na região esteve concentrado no Peru e no Chile em 2016. "É um bom momento para se investir no Brasil", diz Juan Carlos Felix, co-presidente do Carlyle no País. "Existe uma grande oferta de ativos e as melhores empresas estão com preços racionais". A escassez atual do crédito facilita a entrada de parceiros de fora do País. "Para os empreendedores, isso representa um problema e, por isso, eles acabam aceitando recursos externos", diz Fabio Matsui, sócio-fundador da Cypress, que assessora fusões e aquisições.

No processo de retomada, os investimentos externos devem ficar concentrados em setores essenciais, como saúde e infraestrutura. Para bens de consumo, a recuperação será lenta. "As pessoas não têm mais dinheiro para ficar trocando de televisão, carros, telefones celulares", afirma Frederico Martini, professor de Negócios Internacionais do Ibmec de Minas Gerais. De qualquer forma, a surpresa positiva do exterior pode ser a faísca que faltava para despertar impulso semelhante no empresariado local e colocar a economia para girar de vez. O governo já enxergou a tendência e trabalha na modificação de regras para torná-las mais favoráveis ao capital externo, como a ampliação do acesso ao crédito público por empresas estrangeiras e diminuição da exigência de conteúdo local ao setor de petróleo. Após tantos solavancos, o Brasil está de braços abertos aos gringos, que fincam aqui as suas bandeiras.

O RETORNO DOS DÓLARES

Acompanhe a evolução dos investimentos em janeiro
(em US$ bilhões)



ONDE FOI USADO O DINHEIRO EM JANEIRO DE 2017

Participação no capital
(matriz estrangeira enviando dinheiro para filial no Brasil)
US$ **8,8** BILHÕES

Operações intercompanhia
(remessas de filial brasileira no exterior para matriz)
US$ **2,7** BILHÕES

Fonte: Banco Central

SERRA diz BYE-BYE

Responsável por reorientar a política externa do País, **tucano alega motivos de saúde para renunciar ao Itamaraty** e voltar ao Senado

Ivan RYNGELBLUM

Num dos primeiros discursos no Senado, após sua eleição para o cargo, em 2014, o tucano José Serra subiu o tom ao alertar para a paralisia provocada pelo Mercosul no comércio exterior brasileiro. Classificando-o de "delírio megalomaníaco", o senador sugeriu uma revisão radical do acordo, a partir de uma visão mais pragmática. Aquelas palavras começaram a se transformar em ações em meados do ano passado, quando o presidente Michel Temer o escalou para comandar o Ministério das Relações Exteriores, dando início a uma reorientação da política externa. Em breve, porém, Serra poderá retomar o tom mais inflamado dos discursos no Congresso. Na quarta-feira 22, o ministro pediu demissão do Itamaraty alegando falta de condições de saúde para continuar no cargo: um problema na coluna que o impede de cumprir o extenso cronograma de viagens ao exterior.

Nos últimos compromissos fora do País, o ministro já vinha utilizando injeções para suportar as dores durante os voos, mas há mais por trás da renúncia. Aos aliados, o tucano já deixara escapar sua insatisfação com o cargo, de menor projeção do que a equipe econômica, sua ambição maior desde o impeachment e mais alinhado com seu projeto de candidatura à Presidência em 2018. Mais recentemente, Serra também vinha sendo abalado ao ser apontado por um delator da Lava Jato como beneficiário de R$ 23 milhões em recursos não declarados na campanha de 2010. O tucano nega. Em carta enviada ao presidente Temer, o tucano afirmou que continuará trabalhando, no Senado, para aprovar projetos que visem a recuperação da economia. A vaga no Itamaraty deve continuar nas mãos do PSDB. Entre os cotados estão o senadores Aloysio Nunes (PSDB-SP), José Aníbal (suplente de Serra), Antonio Imbassahy, recém-indicado para a Secretária de Governo, além dos embaixadores Rubens Barbosa e Sergio Amaral.

Na avaliação de Guilherme Casarões, professor de relações internacionais da ESPM, a gestão Serra buscava resultados mais imediatos que pudessem servir de argumento para as pretensões eleitorais do tucano. A renúncia, portanto, deve resgatar a visão de mais longo prazo do Itamaraty. **"O uso político do Itamaraty não foi ruim. Ele revitalizou a diplomacia comercial", afirma Casarões. "Ele achou que conseguiria resultados imediatos, mas esse não é o tempo da diplomacia."** A indicação de um político de peso como Serra ajudou a elevar o status da diplomacia brasileira dentro do governo, após um período de menor importância durante o governo Dilma. O tucano ajudou a moldar a transformação das Relações Exteriores no que foi chamado de Superministério, que passou a incorporar a Agência de Exportação e Promoção Comercial (Apex) e a Secretaria-Executiva da Câmara de Comércio Exterior (Camex), responsável por desenhar as diretrizes da política comercial e que até então estavam sob responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento. Desde o início, o chanceler deixou clara a pretensão de adotar uma linha mais pragmática e menos ideológica na questão de comércio, resgatando as negociações bilaterais e dando maior ênfase aos mercados desenvolvidos.

Em poucos meses no cargo, Serra acelerou as conversas com a União Europeia sobre o acordo com o Mercosul e expôs com firmeza as divergências com países como Venezuela e Cuba. Em notas divulgadas durante o processo de impeachment, por exemplo, rebateu as manifestações de governos regionais questionando a legitimidade do afastamento. Também chegou a criticar a Organização Mundial de Comércio e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Caberá ao seu sucessor buscar novos acordos comerciais.

O MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES TERIA INTENÇÃO DE SE CANDIDATAR À PRESIDÊNCIA, EM 2018

ALOYSIO NUNES: líder do governo no Senado, tem experiência em relações internacionais

SERGIO AMARAL: atual embaixador nos Estados Unidos, foi ministro de FHC

JOSÉ ANÍBAL: atual suplente de Serra no Senado, é um quadro histórico do PSDB

FOTOS: MARCIO FERNANDES/ESTADÃO | MOREIRA MARIZ | SNA BRASIL | RODOLFO STUCKERT

Em menos de uma semana, o homem mais rico do Brasil está por trás de dois lances ousados: **a compra da rede americana de fast food Popeyes** e a oferta de US$ 143 bilhões pela Unilever. O primeiro deu certo, mas o segundo, não. Por enquanto

PRÓXIMO ALVO? *a compra da Coca-Cola é um sonho antigo de Lemann. Seu sócio, Warren Buffett, já detém 8,92% do capital da companhia*

Hugo CILO e Moacir DRSKA

A AMBIÇÃO DE LEMANN

JORGE PAULO LEMANN: *o homem mais rico no Brasil, com uma fortuna de quase US$ 30 bilhões, não tem medido esforços para ampliar o alcance de seu império*

Todos os fatos e números que envolvem o empresário carioca Jorge Paulo Lemann, sob qualquer ponto de vista, parecem superlativos. Dono de uma fortuna estimada em quase US$ 30 bilhões, cerca de US$ 10 bilhões a mais do que a do banqueiro Joseph Safra, o segundo na lista dos mais dos ricos do País, Lemann tem construído um impressionante império no mundo dos negócios – e que não para de crescer. Aos 76 anos, ele é um dos controladores da AB InBev, maior

AS OFENSIVAS DO BILIONÁRIO

Relembre algumas das mais importantes fusões e aquisições orquestradas por Lemann

2017

Compra a rede americana especializada em frango frito Popeyes, por US$ 1,8 bilhão

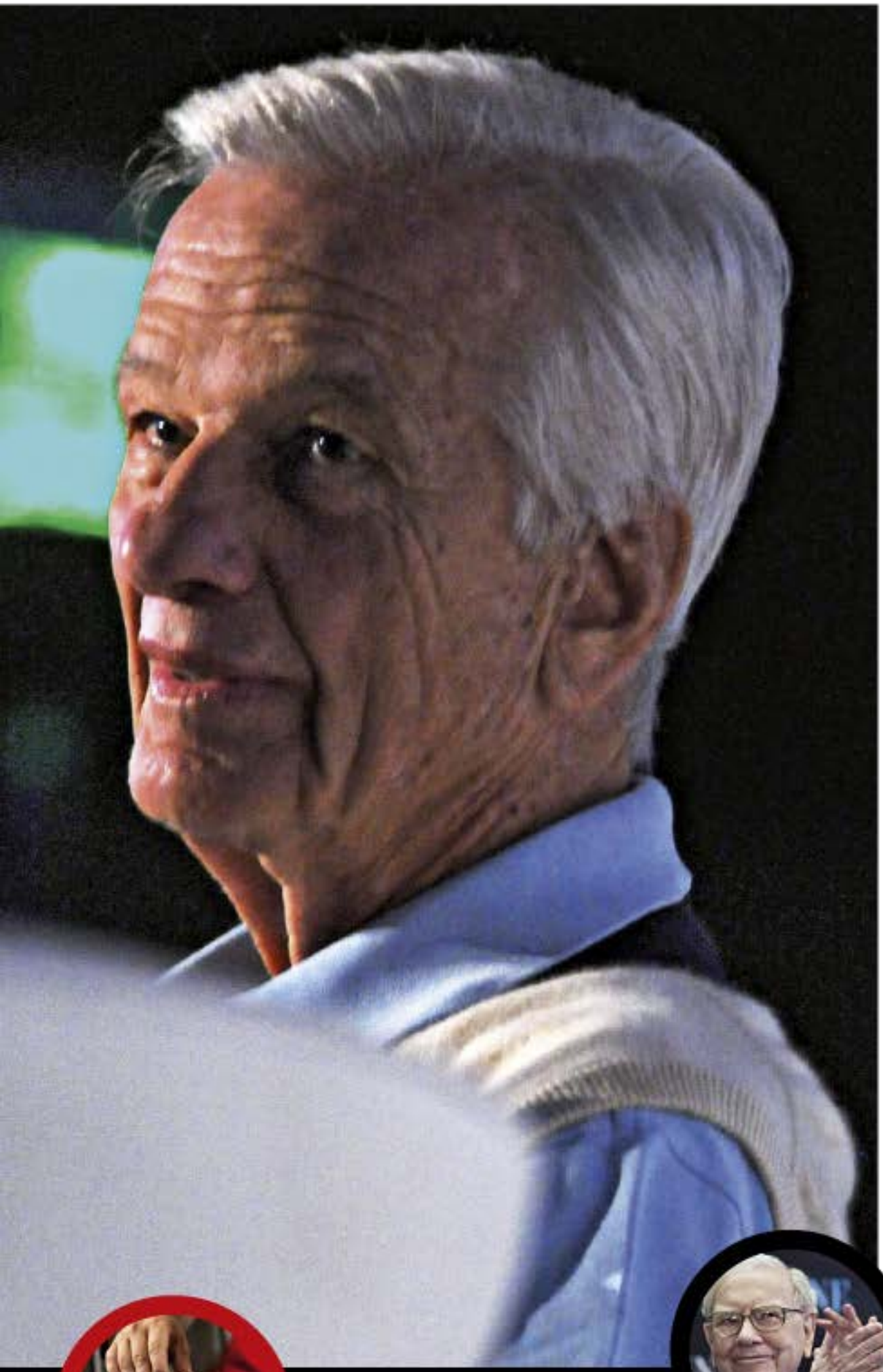
2016

Oferece US$ 143 bilhões pela gigante anglo-holandesa Unilever, proposta que foi recusada. O negócio criaria uma das maiores empresa de alimentos e bebidas do mundo

2015

Compra a cervejaria anglo-sul-africana SAB Miller, em um negócio avaliado em mais de US$ 123 bilhões

FOTOS: SILVIA COSTANTI/VALOR | BEAWIHARTA BEAWIHARTA/REUTER | SABMILLER PLC | NATI HARNIK E DIVULGAÇÃO



cervejaria do mundo, da rede de fast food Burger King e do colosso do setor de alimentos Kraft Heinz, além de dezenas de outras empresas. Na última semana, ao adquirir por US$ 1,8 bilhão a cadeia de restaurantes Popeyes, com 2,6 mil lojas em 25 países e famosa nos Estados Unidos pelo cardápio especializado em frango frito, Lemann demonstrou que seu apetite por grandes fusões e aquisições está aumentando. E não apenas por este contrato. Quatro dias antes, na sexta-feira 17, a Kraft de Lemann havia feito uma surpreendente proposta de US$ 143 bilhões pela anglo-holandesa Unilever. O preço de US$ 50 por ação, um prêmio de 18% sobre o valor dos papéis, foi considerado baixo e acabou sendo recusado. No entanto, a julgar pelas cifras e pela disparada de 13% nas ações da Unilever, sinalizando que o mercado enxergou com bons olhos o potencial da negociação, pode-se prever novas tacadas do bilionário brasileiro. "Os dois grandes movimentos recentes, de compra da Popeyes e de tentativa de compra da Unilever, embora tenham resultado em finais distintos, endossam a vontade de Lemann e seus sócios em expandir ainda mais as operações", disse Claude Whender Vautier, analista do banco suíço Zürcher Kantonalbank (ZKB).

A proposta da Kraft pela Unilever,

2014

Conclui a fusão da Kraft Foods Group e da Heinz Holding Corporation, criando a quinta maior empresa de alimentos e bebidas do planeta

2014

Adquire a rede canadense de cafeterias Tim Hortons

2013

Em parceria com o megainvestidor Warren Buffett, desembolsa US$ 23,2 bilhões pela fabricante americana de ketchup H. J. Heinz Company

2013

Adquire uma participação de 20% na fabricante de sorvetes Diletto

2010

Paga US$ 3,3 bilhões pela rede de fast food Burger King

se tivesse sido aceita, teria criado o segundo maior casamento corporativo da história. Em 1999, a alemã Vodafone adquiriu a compatriota Mannesmann, fabricante de tubos industriais, por US$ 172 bilhões, de acordo com a consultoria Dealogic. A união Kraft-Unilever também ultrapassaria a compra da anglo-sul-africana SAB Miller pela AB InBev, em 2015, avaliada em US$ 123 bilhões. "O problema é que a oferta da Kraft se tornou pública num estágio muito inicial, o que reduziu a margem de manobra para negociar um acordo alternativo longe dos holofotes", afirmou o analista Raphael Moreau, especialista em indústria de alimentos da Euromonitor. "Ao perceber que havia pouca possibilidade de fechar negócio sem uma oferta hostil, a Kraft acabou retirando a proposta." Uma nova oferta só poderá ocorrer daqui a seis meses. Apesar da negativa da Unilever, a Kraft Heinz garantiu, em reportagem publicada no jornal *The New York Times*, que "está esperançosa de trabalhar nos termos e alcançar um consenso." "O revés com a Unilever pode fazer com que os próximos movimentos não sejam tão ousados como essa última tentativa. É mais provável que eles (Lemann e seus sócios) voltem a atenção para presas menores, como General Mills, Kelloggs e Campbell", avalia Michael Hewson, analista da consultoria britânica CMC Markets.

Embora não tenha conseguido, no caso da compra da Unilever, acertar o alvo no primeiro tiro, está cada vez mais evidente que não há limites para a ambição de Lemann. A aquisição da Popeyes indica isso. "Hoje, Popeyes é uma das maiores redes de serviço rápido do mundo, com presença maciça nos Estados Unidos e em dezenas de países. Sua atuação global complementará o portfólio da Restaurant Brands International (RBI) de mais de 20 mil restaurantes em mais de 100 países e territórios", disse em comunicado a RBI, que pertence ao fundo de private equity 3G Capital, de Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira. A RBI comprou, em 2014, por US$ 11,5 bilhões, a rede canadense de cafeterias Tim Hortons. **O próximo alvo de Lemann e seus sócios, que inclui o magnata Warren Buffett, pode ser a Coca-Cola, empresa que tem tentado se reinventar com água mineral, isotônicos e chás, entre outras bebidas, em um mundo que consome cada vez menos refrigerantes.** Buffett já detém 8,92% do capital da companhia. Não existem negociações em andamento, mas fontes do setor garantem que o caminho natural é que a AB InBev faça uma oferta gigante em um futuro próximo. O próprio presidente da Coca-Cola, Muhtar Kent, tem alertado seus executivos sobre uma possível ofensiva. "A dúvida sobre uma proposta de Lemann pela Coca é mais uma questão de data do que se ela existirá ou não", diz Claude Vautier, do ZKB. A julgar pelas últimas tacadas de Lemann, de nenhuma hipótese se pode duvidar.

Fontes: Bloomberg e empresas

2008 Compra a fabricante de cervejas americana Anheuser-Busch, dona da cerveja mais vendida dos EUA, a Budweiser

2004 Une a Ambev à cervejaria belga Interbrew, dando início à AB InBev

1989 Lemann decide comprar a cervejaria Brahma, que anos depois, ao se unir à Antarctica, se tornaria a Ambev

1982 Junto com Marcel Telles e Beto Sicupira, sócios no Banco Garantia, Lemann compra a varejista Lojas Americanas

FOTOS: PEDRO VILELA/AG. I7 E DIVULGAÇÃO

LIMPEZA À FRANCESA

A petroleira Total mantém sua aposta no pré-sal, mas coloca em prática um **audacioso plano para se tornar a maior empresa de energia limpa do mundo**. Um projeto em um santuário ecológico, no entanto, coloca em dúvida essa estratégia. Mudança ou apenas um discurso?

Rodrigo CAETANO

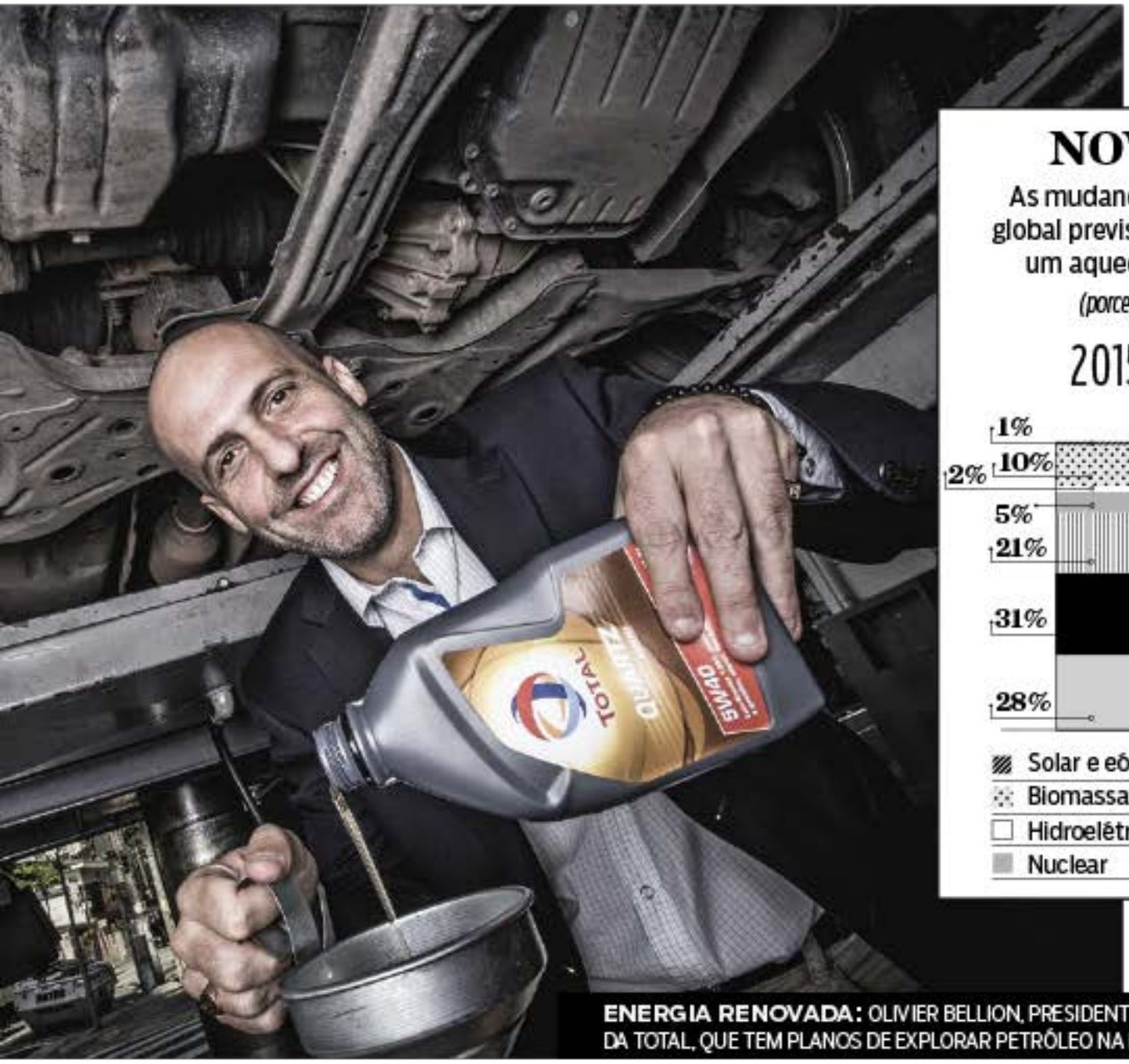
O Brasil entrou, definitivamente, na mira da petroleira Total, gigante francesa com faturamento de US$ 149,7 bilhões, em 2016. Até o final desta década, a companhia desembolsará US$ 1 bilhão por ano no País. Isso se deve à boa posição da petroleira no pré-sal. Em dezembro do ano passado, a empresa fechou um acordo de US$ 2,2 bilhões com a Petrobras para a compra de participações em dois blocos do pré-sal: 25% do BM-S-11, na área de Iara, e 35% do BM-S-9, no campo de Lapa. Como isso, ela formou um importante portfólio de exploração em águas nacionais, com 17 blocos, incluindo uma parcela de 20% no campo de Libra, um dos maiores do pré-sal, na Bacia de Santos. A essa coleção de poços soma-se a sua operação de lubrificantes e produtos químicos no País, que conta com uma fábrica localizada em Diadema, na Grande São Paulo. "O Brasil é um grande foco", afirma Olivier Bellion, que comanda o braço de lubrificantes da empresa no País. Mas há um projeto ainda maior em curso, globalmente. A Total quer se tornar a maior empresa de energia limpa do mundo, em 20 anos. Para isso, promoveu, no início deste ano, uma reorganização global e vem diversificando a atuação. Esse objetivo, no entanto, pode entrar em rota de colisão com a meta de crescer no Brasil.

A estratégia de aumentar o uso das energias renováveis, contribuindo para a redução do aquecimento global, foi apresentada aos seus 2,5 mil funcionários brasileiros no início deste ano. O projeto foi batizado de "One Total, One Ambition" e, segundo a companhia, visa atender às novas demandas energéticas do planeta de forma sustentável. O projeto promoveu uma reorganização mundial, que resultou na criação de duas novas divisões. A primeira é focada em gás e energias renováveis e a segunda, na oferta de serviços de suporte e tecnologia para todas as empresas do grupo – a Total atua em mais de 130 países e possui 100 mil funcionários. Até 2035, a companhia espera que o petróleo represente apenas 65% dos seus negócios – hoje, é praticamente tudo. As energias renováveis devem crescer para 20% da receita. Bellion destaca que a multinacional francesa já é uma importante competidora na área de energia solar, graças à SunPower, fabricante americana de painéis fotovoltáicos comprada em 2011, por US$ 1,4 bilhão. A empresa pretende, ainda, investir em baterias, biocombustíveis e eficiência energética.

Todo esse esforço vai de encontro ao que está se configurando na Foz da Bacia do Rio Amazonas. Em 2013, a Total arrematou, em leilão, uma licença para explorar petróleo na região. Um investimento de US$ 300 milhões já foi aprovado e a exploração deve começar neste ano. A bacia, entre os Estados do Amapá e do

A GRANDE BARREIRA: IMAGEM DOS EXPEDIÇÃO DO GREENPEACE. O ECOSSISTEMA

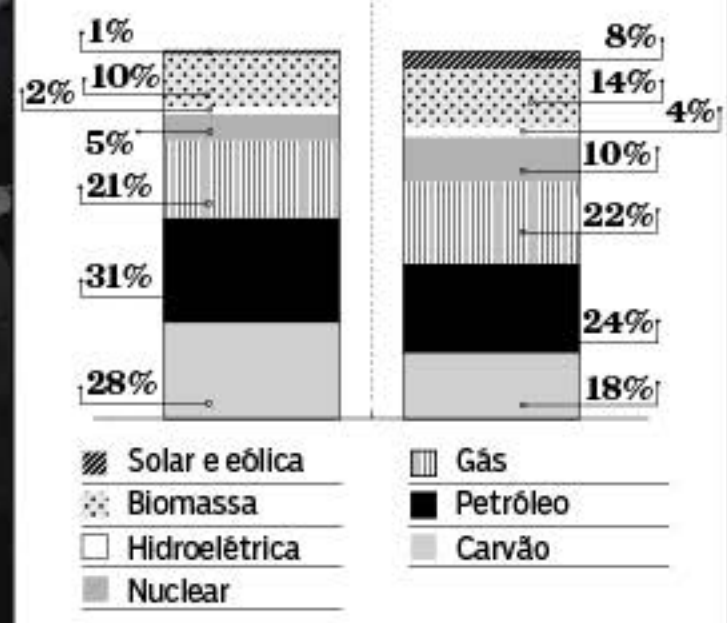
FOTOS: MURILLO CONSTANTINO / A.G. ISTOE | DIVULGAÇÃO



NOVA MATRIZ

As mudanças na demanda de energia global previstas pela Total, considerando um aquecimento global de até 2ºC

(porcentual sobre a demanda global)



ENERGIA RENOVADA: OLIVIER BELLION, PRESIDENTE DA DIVISÃO DE LUBRIFICANTES DA TOTAL, QUE TEM PLANOS DE EXPLORAR PETRÓLEO NA FOZ DO RIO AMAZONAS

Pará, é considerada a nova fronteira da exploração de petróleo no Brasil. Seria uma grande oportunidade, não fosse pelo fato de cientistas brasileiros terem descoberto, ali, uma das maiores e mais diversas formações de corais do mundo, os chamados Corais da Amazônia, que se estende por 500 quilômetros. Em janeiro passado, uma expedição do Greenpeace registrou as primeiras imagens dos corais. "Estamos descobrindo uma diversidade maior do que imaginávamos", afirma Ronaldo Francini Filho, professor Universidade Federal da Paraíba, que participou da expedição.

Segundo Bellion, a Total irá garantir que a exploração no local não coloque em risco os corais. Isso, em teoria, é possível. Na prática, é improvável, dizem os cientistas. "Não há dados suficientes", afirma Francini Filho. Para que as perfurações não destruam o delicado ecossistema, é preciso realizar um trabalho conhecido na comunidade científica como "planejamento sistemático". Ele envolve mapear toda a biodiversidade, as correntes marítimas e as atividades econômicas da região, como a pesca. De posse dessas informações, são determinadas as melhores posições para os poços. É aí que está o problema. "Temos muita dificuldade em conseguir informações básicas", diz o pesquisador. As cartas náuticas estão desatualizadas. A maioria, data da década de 1940. Os Corais da Amazônia também não estão totalmente mapeados. Por esse motivo, a comunidade científica é contrária à exploração de petróleo. "Nesses casos, o ideal é inimigo do ótimo", afirma Francini Filho. "É possível fazer, mas não sem os dados. Os corais são uma riqueza do Brasil. Se os perdemos, será para sempre." A Total tem a chance de mostrar que o plano de limpeza não ficará apenas no discurso.

CORAIS DA AMAZÔNIA FEITA DURANTE ESTÁ AMEAÇADO

NOVA FASE: *membro da quarta geração da família fundadora da companhia, Giuliano Dedini Ometto está à frente da reestruturação da fabricante*

Após acumular uma dívida de **R$ 1,8 bilhão** e entrar em recuperação judicial, uma das principais fabricantes nacionais de equipamentos para usinas de açúcar e etanol traça a sua reconstrução

DEDINI

Moacir DRSKA

O ano de 2008 é um marco na trajetória da Dedini. Naquele ano, a pequena oficina de reparos de carroças, fundada em 1920 pelo italiano Mário Dedini, se consolidou como uma das principais fabricantes nacionais de equipamentos para usinas sucroalcooleiras. Instalada em Piracicaba, interior de São Paulo, a companhia aproveitou a alta dos investimentos em açúcar e etanol no País para faturar R$ 2,1 bilhões, um salto de 38% sobre 2007 e o melhor resultado da sua história. As políticas de controle de preços da gasolina, instituídas pelos governos petistas de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, no entanto, estrangularam o setor de etanol, que não conseguia repassar as altas de custos ao preço do combustível. O resultado foi uma quebradeira geral no setor, interrompendo a trilha favorável da Dedini. Nos anos seguintes, o grupo assistiu a uma deterioração progressiva de seus negócios. Com os clientes suspendendo contratos e aportes em novas usinas, a Dedini chegou a operar com uma capacidade ociosa de 60%. Sem saída, a empresa pediu recuperação judicial em agosto de 2015, com um passivo estimado em R$ 177 milhões, além de uma dívida ativa com a União de R$ 1,7 bilhão.

Na quarta-feira 15, a Dedini ganhou a chance de um recomeço. O juiz Marcos Douglas Balbino da Silva, da 2ª Vara Cível de Piracicaba, homologou o plano de recuperação judicial da empresa, aprovado em setembro de 2015. A decisão permite que a companhia implante as medidas traçadas para a sua reestruturação. "Desde o início, nossa estratégia foi a transparência e o enfrentamento aberto de todos os problemas", diz Giuliano Dedini Ometto, 49 anos, CEO e presidente do conselho de administração da Dedini. Membro da quarta geração da família e primo de segundo grau do empresário Rubens Ometto, do Grupo Cosan, ele é o responsável por liderar essa reconstrução. "A homologação vai acelerar esse processo."

Disposta a ir além do discurso, a Dedini colocou à venda, na semana passada, 36 lotes residenciais em Piracicaba, com valor estimado em R$ 2 milhões. Antes, o grupo já havia se desfeito de um terreno na cidade, por R$ 21 milhões, dinheiro que havia sido

FOTOS: JOÃO CASTELLIANO E FREDERIC JEAN

depositado em juízo para o pagamento de dívidas e que, com a homologação, foi desbloqueado. **O próximo passo é a venda da unidade de serviços Dedini Refratários, em Piracicaba, e da fábrica de Maceió, que produz peças para reposição. A soma dos dois bens é de R$ 85 milhões.** A empresa possui outras sete unidades fabris, em Piracicaba e Sertãozinho (SP). O destino prioritário desse montante é a quitação dos R$ 36,5 milhões de dívidas trabalhistas. "A ideia é liquidar essas pendências em 12 meses", diz Dedini Ometto. Nos últimos dois anos, o grupo demitiu 1,6 mil profissionais, segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba. Nos tempos áureos de 2008, a empresa chegou a empregar 6,5 mil funcionários. Hoje, o quadro compreende 2 mil profissionais.

Os demais credores serão pagos em um prazo de 11 anos, com um abatimento de 50% da cifra devida a cada um deles. O processo fixou ainda uma carência de um ano para o início desses pagamentos. "Muitos fornecedores da região nasceram e cresceram em função do grupo", diz Felipe Franchi, advogado de alguns desses credores. "Essas empresas deram um voto de confiança para a companhia." Para manter suas operações rodando, a Dedini também está acrescendo 0,5% no valor pago em cada novo contrato com esses fornecedores. A cifra adicional é aplicada para abater parte da dívida que a companhia tem com esses parceiros.

No médio prazo, a Dedini vai focar em frentes como a diversificação para áreas como energia, mineração e alimentos e bebidas. A expectativa, porém, é de melhoras em seu mercado tradicional. Para Aparecido Luiz, presidente do Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroenergético e Biocombustíveis, o aumento da demanda pelo açúcar e a previsão de preços mais competitivos para a commodity e o etanol trazem um alento. "Esse cenário reaquece a demanda por manutenção e reformas nas usinas", diz. "E é um passo para a volta das encomendas de máquinas." O RenovaBio, programa federal que estuda medidas para ampliar a produção de etanol até 2030, é outro fator positivo. "Isso pode dar maior previsibilidade para os aportes no setor", afirma Plínio Nastari, presidente da consultoria Datagro.

A Dedini também espera reduzir, gradativamente, sua dívida com a União. "A empresa passa a ter fôlego para recuperar sua receita e pagar esse passivo", avalia Julio Mandel, advogado do grupo. Nos primeiros doze meses após a homologação, o grupo prevê faturar R$ 306 milhões. Nos anos seguintes, a projeção é crescer 1,5%. "Assim como meus antepassados, sigo otimista, mesmo empreendendo em um País que hostiliza quem produz", diz Giuliano Dedini Ometto, que não vê espaço para grandes saltos nesse ano. "Mas vamos arrumar a casa para voltar a crescer em 2018."

COMEÇA DE NOVO

NA PRESSÃO

O desafio da Dedini em números:

1. Em 2008, no auge, chegou a faturar **R$ 2,1 BILHÕES**

2. Na época, empregava **6,5 MIL** funcionários

3. Entrou em recuperação judicial em **2015**

4. Um ano antes, apurou uma receita de **R$ 380 MILHÕES**

5. As dívidas com credores somam **R$ 177 MILHÕES**

6. Além dessa cifra, deve cerca de **R$ 1,7 BILHÃO** em impostos

ESTRATÉGIA: *a venda de ativos é uma das alternativas da Dedini*

DIFERENCIAL: *com 17 unidades, a Cultura, de Sergio Herz, avançou mais na migração para a internet e vende livros de mais valor*

Por que a **SARAIVA** precisa da **CULTURA**

As famílias Saraiva e Herz estariam negociando a **fusão de duas das maiores livrarias do País.** A expectativa é de que, juntas, possam enfrentar a ameaça da internet e da Amazon, aprimorando a gestão e **inovando o modelo de negócios**

Carlos Eduardo VALIM

Não é preciso ler nas entrelinhas. Os crescentes indícios de que as Livraria Saraiva e Cultura estão ensaiando uma fusão deixam claro a preocupação de ambas em garantir a sobrevivência do negócio, em tempos de popularização dos livros digitais. e do avanço da americana Amazon sobre o mercado brasileiro. A maior varejista digital do mundo dobrou a sua participação em vendas de livros pela internet no Brasil, entre 2014 e 2015, de 5% para 10%. É consenso entre especialistas que a consolidação do setor de varejo de livros já deveria ter sido buscada, pelo menos, três ou quatro anos atrás. Naquela época, as duas empresas estavam crescendo, enquanto se preparavam para a chegada de uma competição cada vez maior com o mundo digital e os seus e-books. Nos EUA, no mesmo período, empresas com modelos de negócios similares, como a Borders e a Barnes and Noble, estavam definhando, ameaçadas pelo domínio digital da Amazon. O cenário brasileiro mudou nos últimos anos. E foi para pior. Além de precisar se preocupar com as compras pela internet, o setor livreiro foi um dos mais afetados do varejo pela crise econômica. Segundo dados do IBGE, o segmento sofreu uma queda vertiginosa de 16% nas suas vendas, em 2016. A conjuntura negativa atingiu as empresas. Na Saraiva – de capital aberto e controlada pela família Saraiva –, a perda acumulada entre janeiro e setembro foi de 2%, em comparação com o mesmo período do ano passado. Uma queda de 3% na receita já havia acontecido em 2015, quando fechou o ano com faturamento de R$ 1,77 bilhão. Já a Livraria Cultura, companhia de capital fechado controlada pela família Herz, faturou R$ 420 milhões, em 2016, R$ 100 milhões a menos em comparação com 2014.

Juntas, elas têm mais chances de enfrentar não só o momento difícil, mas também encarar a ameaça proposta pela Amazon e pelos preços menores das lojas online. Por meio de comunicado, a Saraiva informou que "não comenta boatos, especulações ou rumo-

FOTO: DANIEL WAINSTEIN

res de mercado". A Cultura não respondeu a solicitação de entrevista. Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo*, as negociações começaram há três meses e não envolvem nenhum banco. O vazamento das negociações apenas em fevereiro indica que só recentemente a aproximação entre as duas se intensificou. As tratativas acontecem a portas fechadas e estão restritas às famílias.

Mas o que levou as empresas a pensarem em casamento? A fusão, se acontecer, precisará ir além de uma integração de *back offices*. Segundo um especialista do setor, a lição de casa de melhoria de eficiência já foi realizada nas duas redes, e há pouco a ganhar na unificação de sistemas de tecnologia e departamentos administrativos. Os objetivos precisam ser mais ambiciosos.

Há algumas oportunidades. "A sinergia entre elas existe e é clara. As duas empresas atendem a consumidores muito similares, mas detêm expertises diferentes", afirma Ana Paula Tozzi, CEO da AGR Consultores, especializada em varejo. A Saraiva possui 113 lojas, sendo focada em espaços de médio porte, além de uma boa capilaridade no mercado brasileiro. Já a Cultura cresceu com o conceito de *megastores*, e possui 17 unidades. "Ela tem maior variedade de livros, em especial, dos de maior valor, como os de arte", diz Tozzi. E também avançou mais na migração para a internet, contando com 28% de suas vendas por canais online, contra 12% da Saraiva. Já para os investidores, a expectativa é de que a Cultura ajude a melhorar a administração do negócio. Segundo Adeodato Volpi Netto, estrategista-chefe da Eleven Financial, a companhia da família Herz, mesmo com o capital fechado, possui uma gestão mais profissional do que a da Saraiva.

Apesar de as duas companhias apresentarem um perfil similar, com uma liderança familiar muito intensa e um herdeiro jovem como CEO – Jorge Saraiva Neto, conhecido como Jorginho, e Sergio Herz, na Cultura –, as práticas da Saraiva preocupam mais o mercado. Nos últimos anos, a companhia se envolveu em uma série de polêmicas. "Tenho sérias restrições à gestão da empresa, que cuida muito dos interesses dos controladores e pouco dos acionistas minoritários", diz Volpi. "A venda do braço editorial, por exemplo, resolveu o problema de endividamento da família sem aliviar o caixa da empresa." Em 2015, a Saraiva negociou a sua divisão editorial, a mais rentável, para a Somos Educação, por R$ 725 milhões. Depois disso, **duas tentativas de profissionalização, com as passagens-relâmpago de Michel Levy, ex-CEO da Microsoft, e Enéas Pestana, ex-Pão de Açúcar, esbarraram no fato de que Jorginho e a sua mãe, Olga Saraiva, não aceitaram as suas sugestões.** A família, inclusive, barrou Pestana como CEO, depois de ele ter prestado consultoria para a empresa por quatro meses. No ano passado, uma confusão envolveu os acionistas minoritários da gestora de recursos GWI Asset, do coreano Mu Hak You, que entrou em colisão com os controladores depois de assumir uma posição no conselho de administração e confrontar as suas decisões. A GWI alegava que Jorginho não seria capacitado para a presidência e queria fora de lá. A queda de braço só foi resolvida com Hak You deixando o negócio.

A negociação da fusão poderia ser o sinal de que, dada a conjuntura, a Saraiva esteja, enfim, pronta a aceitar uma profissionalização. Afinal, ninguém no mercado consegue imaginar um cenário em que as famílias Saraiva e a Herz possam compartilhar a gestão, ou mesmo que abdiquem das decisões em favor dos novos sócios. Essa pode ser a senha também para uma reformulação completa do modelo de negócios, que poderia ser necessária para ambas. "Nenhuma das duas empresas está repensando o ponto de vendas", diz a consultora Tozzi. Nos EUA, a Amazon tem investido em lojas físicas em que os clientes passem horas navegando na internet e coletem pedidos de compras feitos online. Se a fusão entre Saraiva e Cultura vai sair é uma incógnita. Mas uma coisa é fácil de prever: o espectro da Amazon vai continuar assombrando as duas empresas. Juntas ou separadas.

FORÇA NACIONAL: *com capital aberto e 113 lojas, a Saraiva, de Jorge Saraiva Neto, tem maior presença no território*

REVOLUÇÃO CULTURAL

A integração entre as duas empresas causaria um grande impacto no mercado

SARAIVA

FATURAMENTO:
R$ 1,77 BILHÃO*

NÚMERO DE LOJAS:
113

PRESENÇA:
19 ESTADOS
(Amazonas, Pará, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Distrito Federal)

CULTURA

FATURAMENTO:
R$ 420 MILHÕES

NÚMERO DE LOJAS:
17

PRESENÇA:
8 ESTADOS
(São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul, Paraná e Distrito Federal)

Fonte: empresas *consolidado de 2015

FOTOS: SERGIO CASTRO

BR PHARMA A **R$ 1,00?** EU TOPO!

A venda de um negócio pelo valor simbólico de R$ 1 diz muito sobre os problemas que o comprador irá enfrentar. É o caso da BR Pharma, rede criada em dezembro de 2009 pelo Banco BTG Pactual para ser o grupo concentrador de farmácias e drogarias. Segundo rumores de mercado, ela está muito próxima de ser entregue para o executivo Paulo Remy, ex-CEO da WTorre. Remy, que detém 10% de participação na empresa criada por Walter Torre, deixou o comando da companhia no final do ano passado para montar uma empresa especializada, justamente, em recuperação de negócios problemáticos. Ele foi o responsável pela

O executivo Paulo Remy está próximo de adquirir a rede de farmácias do BTG Pactual por valor simbólico. O que ele pode **fazer para mudar** uma empresa que nunca deu certo?

Márcio KROEHN

SR. MUDANÇA: *Remy conseguiu reestruturar a VR, a Americanas e a WTorre. Agora, quer transformar a BR Pharma*

reestruturação das Lojas Americanas e da marca de roupas Vila Romana. Na WTorre, onde esteve por 10 anos, teve um papel importante no desenvolvimento dos projetos e na renegociação das dívidas. Em 2015, por exemplo, reuniu sua equipe e avisou que o mercado de crédito ficaria restrito e, por isso, era preciso montar uma estratégia para os dias turbulentos que viriam. A empresa perdeu contratos, mas fez poucas demissões. No ano seguinte, Remy precisou se reunir com os bancos para prolongar o prazo de pagamento do endividamento da WTorre. "A motivação do Remy é recuperar empresas", diz uma pessoa próxima. "Ele tem um trânsito muito bom no setor financeiro e é respeitado no mercado."

Nas pretensões de Remy, a BR Pharma se encaixa com precisão: é um negócio que deu errado desde o início. O plano da empresa era adquirir a Drogasil para que essa marca fosse a consolidadora das aquisições que seriam feitas depois. Apesar das investidas do BTG, os sócios da Drogasil declinaram e escolheram a fusão com a Droga Raia. Deixaram de receber alguns milhões de reais, um punhado de ações e uma cadeira no conselho do banco. A união Raia Drogasil, realizada em novembro de 2011, é um sucesso. Hoje, o grupo tem mais de 1,2 mil lojas e valor de mercado de R$ 20,9 bilhões, ante 822 lojas da BR Pharma e valor de mercado de R$ 860,6 milhões. "A BR Pharma perdeu o rumo com poucos meses de vida", diz um executivo que participou da criação da empresa. "O passo da Drogasil quebrou a espinha dorsal de todo aquele planejamento."

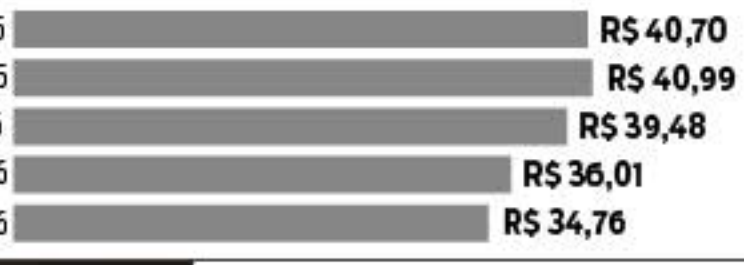
A BR Pharma foi ao mercado e comprou redes médias por preços questionáveis. Entraram nessa cesta Big Ben (PA), Guararapes (PE), Mais Econômica (RS), Farmácia Sant'ana (BA) e Farmais (SP). Como não havia uma marca concentradora, os antigos donos eram convidados a permanecer no negócio e recebiam incentivos de expansão que não combinavam com o setor varejista. Na Mais Econômica, por exemplo, o bônus estava atrelado ao número de lojas abertas. A marca deu um boom no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. O preço, porém, foi alto. Em 2013, no auge da BR Pharma, quando o número de lojas ultrapassava 1,2 mil, a Mais Econômica foi a bandeira que mais teve de fechar unidades: 70%, de um total de 40. Essa independência de atuação aconteceu pela falta de integração dos negócios: o BTG nunca conseguiu unir os sistemas tecnológicos de suas bandeiras, mesmo com investimento pesado em software. "O BTG sempre achou que investimento é liberar dinheiro e esperar retornos altos", diz um ex-executivo da BR Pharma. "Mas, no varejo, é preciso muito suor e eles não estavam dispostos a aceitar margens apertadas."

Desde que o BTG começou a se desfazer de seus ativos não prioritários, há dois anos, a BR Pharma estava no topo da lista. A dificuldade, porém, foi encontrar interessados em assumir um negócio que acumula prejuízos. A rede não reporta lucro desde 2013. Nos nove primeiros meses do ano passado, houve uma perda de R$ 254,3 milhões, que foi parcialmente minimizada com as vendas das redes Rosário, para a Profarma, por R$ 173,4 milhões; e Mais Econômica, para o fundo de americano Verti Capital, por US$ 12 milhões. Sem essas duas redes, o endividamento que estava em R$ 913 milhões, em 2015, caiu para R$ 658 milhões, no ano passado. "O BTG precisa dessa saída estratégica para se concentrar no que faz melhor, a administração de recursos", diz Henrique Kleine, analista-chefe da Magliano Corretora. "A BR Phama poderá se desenvolver com pessoas que entendem do setor." A expectativa, porém, era vender a Big Ben, a joia da coroa que poderia render R$ 1 bilhão. Como o BTG não conseguiu, agora Remy pode ter a chance de dar o remédio certo para a BR Pharma sobreviver. Procurados, BTG Pactual, BR Pharma e Paulo Remy não se manifestaram sobre o negócio.

BOM NEGÓCIO: *as marcas Farmais e Big Ben são dois ativos valiosos; Rosário e Mais Econômica, as mais problemáticas, foram vendidas pelo BTG*

SEM REMÉDIO

Com 822 lojas próprias e franquias, os negócios da BR Pharma derreteram nos últimos 12 meses: o **tíquete médio** caiu 14,6%...



...e o **prejuízo** das operações cresceu 7,6%

T: trimestre | M: meses

Fonte: empresa

“Quando as mulheres veem o próprio corpo em um sapato Louboutin, se sentem mais poderosas”

CHRISTIAN LOUBOUTIN,
ESTILISTA E EMPRESÁRIO

Os lucrativos passos de LOUBOUTIN

O empresário e estilista francês **CONSTRUIU UMA EMPRESA BILIONÁRIA**, com negócios em **32 PAÍSES,** depois de inventar um **SAPATO DE SOLA VERMELHA.** O desafio agora é desenhar um **FUTURO SUSTENTÁVEL PARA A GRIFE,** sem depender de um único produto

André JANKAVSKI

A cena se repete todos os anos e, por incrível que pareça, sempre chama a atenção pela simplicidade. Em meio aos imponentes carros e limusines que estacionam no Grand Palais, onde acontece a badalada semana de moda de Paris, um senhor calvo, elegantemente vestido em um terno bem cortado, desce de sua motoneta Vespa disputando os flashes com as celebridades, que desfilam do alto de seus saltos Louboutin. É ali, no Olimpo da alta costura, no ápice do mundo fashion, que a criatura não se deixa confundir pela sua cria. Eis Christian Louboutin, 54 anos, conhecido como o mago dos sapatos, autor de objetos de desejo de dez entre dez celebridades femininas ao redor do globo. "Elegância é um jeito de ser e a forma que a pessoa se conecta com as outras", diz Louboutin à DINHEIRO. Pois foi, assim, sem a mínima afetação, que ele fundou, a partir do zero, um império. A Christian Louboutin é uma empresa que fatura cerca de US$ 1 bilhão, vende por ano mais de 600 mil pares – que podem custar R$ 3,5 mil cada – e possui 131 lojas espalhadas por 32 países, sendo três delas no Brasil. "Com apenas 25 de existência, a Christian Louboutin conseguiu alcançar o nível similar ao de grifes que já são centenárias", afirma Carlos Ferreirinha, dono da MCF Consultoria, especializada em luxo.

FOTO: DIVULGAÇÃO

LOJA EM BRASÍLIA: *uma das cidades preferidas de Louboutin, a capital federal recebeu a segunda loja da marca no Brasil em 2011. As outras duas estão localizadas em São Paulo*

Mais do que um homem de sucesso, Louboutin é responsável pela criação de um ícone da moda e seu caso serve de lição para outras marcas. Os seus sapatos são identificados pela sola vermelha, uma marca registrada de sua grife. "Criei produtos para as mulheres se empoderarem", diz ele. "E quando elas veem o próprio corpo num sapato Louboutin, se sentem mais poderosas." Mas, afinal, qual é o segredo dele para calçar os pés de algumas das mulheres mais influentes do mundo como a atriz Sarah Jessica Parker, a apresentadora Oprah Winfrey, a cantora Madonna e a modelo britânica Kate Moss? Em 1992, logo depois de criar um sapato, sentia que ainda faltava algo na peça. Foi nessa hora que o designer observou uma de suas assistentes fazendo as unhas. Naquele momento, sentiu um clique. Ele tomou emprestado o esmalte e pintou a sola de seu protótipo de vermelho. Louboutin percebeu ali que havia criado uma obra-prima do mundo fashion. Não demorou muito para sua criação o colocar no Panteão de grandes nomes da moda, como os italianos Giorgio Armani e Salvatore Ferragamo.

Curiosamente, o talento de um brasileiro foi a fonte de grande inspiração. O arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012) era uma referência desde a infância de Louboutin. "Enquanto meus amigos desejavam ir para o Rio de Janeiro, eu queria ir para Brasília conhecer as criações de Niemeyer", diz o artista (*leia entrevista na página 47*). Além das inspirações de Niemeyer, o Brasil é um destino frequente de Louboutin, onde continua garimpando ideias para seus traços. O estilista diz ter predileção por lugares quentes para criar coleções de verão. Logo, o País sempre está no topo da lista. Cidades como Rio de Janeiro, Brasília, Ouro Preto e Manaus ajudaram, segundo ele, a inspirá-lo em suas criações. "O Brasil tem uma forte identidade da liberdade da mulher", diz ele. "Isso é muito simbólico e impactante." Segundo especialistas, ele deu vida à sola do sapato, antes uma parte totalmente ignorada. "O formato do calçado, somando-se à cor vermelha, deu um toque de fetiche ao produto", diz Gabí Souza, diretora da Boucle Consultoria de Imagem. "A mulher que calça o sapato quer ser notada e desejada." Então, o segredo do negócio não é apenas o design, mas a aura criada em torno da marca. A cantora Jennifer Lopez até compôs uma canção em homenagem aos sapatos. Batizada de "Louboutins", ela traz versos que dizem "Eu estou seguindo em frente / Eu estou calçando meus Louboutins."

Essa propaganda espontânea é, inclusive, uma das estratégias de negócios de Louboutin. Aparições não patrocinadas de suas criações no tapete vermelho do Oscar ou em eventos mundialmente televisionados o fazem abdicar de grandes investimentos

Domínio do tapete vermelho

Os sapatos criados por Louboutin são presença garantida nos pés das cele
desejada por seus consumidores. Nas fotos acima: Marina Ruy Barbosa,

FOTOS: DIVULGAÇÃO | REPRODUÇÃO

em ações de marketing. Outra forma de capitalizar a imagem da marca é através de parcerias. A empresa já realizou trabalhos com companhias do porte da Disney, ao desenhar o sapato da personagem Malévola, interpretada pela atriz americana Angelina Jolie; e Louis Vuitton, quando desenvolveu bolsas com a centenária grife. Na Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro, vestiu a delegação cubana para as principais cerimônias. Estas conexões foram preponderantes para a empresa se tornar um fenômeno também nas finanças.

Como a companhia não divulga faturamento, o último dado financeiro divulgado foi levantado pela consultoria americana Deloitte. Segundo a consultoria, a empresa teria alcançado um faturamento de US$ 611 milhões em 2013. O mesmo documento a colocava como a sétima grife que mais crescia no mercado de luxo, a taxas de 23,8% ao ano. Indagado sobre o poder financeiro da marca, o diretor geral Alexis Mourot é lacônico. "Não divulgamos nossos resultados e o que posso dizer é que somos muito lucrativos e estamos crescendo como nunca", diz Mourot. Especialistas de diversos países ouvidos pela DINHEIRO afirmam que pela quantidade de sapatos vendidos, o número de lojas e o preço dos sapatos, este número está acima de US$ 1 bilhão. Atualmente, os sapatos femininos são responsáveis por 70% das vendas da grife, os masculinos respondem por 20%, os acessórios, 7%, e os 3% restantes para a linha de beleza, muito focada em batons, esmaltes e tatuagens feitas em algumas lojas da marca.

A questão de diversificação sempre foi um assunto delicado para Louboutin. O início deste processo ocorreu em 2003, época em que foram lançadas as primeiras bolsas femininas. Dois anos mais tarde, também passou a se aventurar no mundo masculino e até abriu lojas totalmente direcionadas aos homens. Tudo isso, segundo o estilista, realizado com muito cuidado. Para Louboutin, não faz sentido expandir seus produtos sem que eles tenham todo o requinte necessário e, principalmente, sem que seja possível reconhecer a proposta da marca. "Se não for para refletir os desejos dos consumidores, eu não diversificaria", diz o estilista. "Quero que as pessoas vejam e gostem dos produtos, mas também os sintam." Por isso, as atenções de Louboutin também estão nos produtos personalizados. Um par de sapatos customizado pode chegar a custar US$ 4 mil (cerca de R$ 12,5 mil). Uma das criações encomendadas por uma empresária do ramo da mineração foi um exemplar adornado com rubis e, claro, a cobiçada sola vermelha. Os calçados sob medida são produzidos por Louboutin em seu ateliê em Paris e podem levar até um ano para serem entregues. Já a produção em escala fica na região de Nápoles, na Itália, na fábrica que abastece os mercados em todo o planeta.

A expansão global tem se tornado uma obsessão para Louboutin. A maior oportunidade, segundo Mourot, está na Ásia – mais precisamente na China. No ano passado, a região representou apenas 20% do faturamento da grife, enquanto Américas e Europa foram responsáveis por 40% cada. A meta é que, em três anos, esse número salte para 30%. Apesar da

O universo de Louboutin

Por dentro da empresa comandada pelo estilista francês

Faturamento:
US$ 1 BILHÃO*

Sapatos vendidos:
600 MIL por ano*

Principais produtos:
sapatos femininos, esmaltes (1), batons (2), sapatos masculinos (3), bolsas (4) e perfumes (5)

Lojas:
131

Presente em:
32 PAÍSES

Fonte: empresa | *estimado

bridades e mulheres mais influentes do mundo. Esta, aliás, é a estratégia da marca para se tornar cada vez mais
Sarah Jessica Parker, Oprah Winfrey, Jennifer Lopez, princesa Caroline de Mônaco e Madonna

vontade dos executivos, o cenário não está animador no país asiático. Diversos fatores vêm afetando, e muito, o mercado. Nos últimos anos, tem aumentado a prática da ação "anti-gifting", que desestimula o recebimento de presentes luxuosos por executivos e membros do governo. Segundo a consultoria Bain & Company, somente em 2015, principalmente por conta disso, o mercado chinês encolheu 2%, uma perda equivalente a US$ 17,2 bilhões. Outro fator que pode atrapalhar os planos de Louboutin é a chegada tardia à Ásia. Somente em 2007 foi aberta a primeira unidade, em Hong Kong. Agora, são 39 lojas espalhadas por nove países. "A queda do mercado chinês vem sendo um problema sério no mercado de luxo", diz Craig Allen, diretor da consultoria inglesa Luxury Branding. "Mas creio que a grife tem espaço para crescer em outros mercados."

ALVOS: *para Mourot, diretor geral, o objetivo é crescer em mercados como China e México*

A aposta de Louboutin é exatamente essa. De acordo com Mourot, o plano é começar uma incursão pela América Latina, iniciando por duas lojas que serão inauguradas no México até 2018. Até então, o único país da região a receber lojas da grife tinha sido o Brasil – a primeira unidade foi inaugurada em 2009, no shopping Iguatemi, em São Paulo, e em seguida vieram mais uma loja na capital paulista e outra em Brasília, em 2011. O México aparece como um alento no mercado de luxo latino, que vem sofrendo com a retração das economias de Brasil e Argentina. De acordo com números da consultoria Euromonitor, o mercado de luxo mexicano movimentou US$ 3,56 bilhões no ano passado. Por aqui, esse número não passou de US$ 3,37 bilhões. A estimativa da empresa de pesquisas é que essa distância continue aumentando. Em 2021, o mercado mexicano atingirá US$ 4,7 bilhões, enquanto o brasileiro não passará de US$ 3,7 bilhões. "Possuímos um grande interesse na América do Sul, mas é uma região muito difícil de operar", afirma Mourot. "Especialmente quando você não tem a escala de um grupo."

Esta é a grande dúvida dos analistas de luxo: como se dará a expansão da grife Christian Louboutin. **Ela é uma das poucas desse segmento que não está nas mãos de conglomerados como os gigantes LVMH, Richemont e Kering, que continuam capitalizados e de olho em novas aquisições.** Nos últimos quatro anos, o LVMH, por exemplo, comprou a fabricante alemã de malas Rimowa, a grife italiana Loro Piana e tentou investidas em marcas como Hermès e Tiffany. "Indiscutivelmente, a Christian Louboutin é um ativo interessante para esses grupos e possivelmente houve conversas", afirma Thierry Nataf, CEO da The Luxury Consulting Company e ex-executivo do LVMH. Caso não haja uma parceria ou até mesmo aquisição, especialistas enxergam a abertura de capital como outra alternativa para a empresa se capitalizar. "Em determinado momento irá precisar", diz Ferreirinha, da MCF. "É um negócio muito oneroso para investir com capital próprio." Sobre as possibilidades, Mourot afirma que nenhuma das duas opções, nem a venda e nem o IPO, estão sendo cogitadas no momento. "O plano é continuar agindo de forma independente", diz ele.

Enquanto planeja sua expansão, Louboutin continua atento à concorrência. Não apenas para entender os próximos lançamentos dos competidores, mas para evitar plágio. Esta é uma das maiores preocupações do designer. Não por acaso, a empresa já entrou com vários processos na Justiça contra grandes rivais para evitar que a sola vermelha fosse copiada. O caso mais emblemático foi contra a

Em seu ateliê, o estilista participa da criação de todos os produtos da grife, inclusive com empresas parceiras como Louis Vuitton e Disney. Na Olimpíada de 2016, ele vestiu a delegação cubana para as principais cerimônias

FOTOS: STÉPHANE LAVOUÉ | DIVULGAÇÃO

Yves Saint Laurent, controlada pelo grupo francês Kering. Em 2012, Louboutin ganhou, em segunda instância, a disputa após a concorrente lançar produtos com as mesmas características dos criados por ele. O resultado foi visto como um marco, que inaugurou a área de direito da moda, responsável por cuidar de marcas e patentes no setor. "Tenho uma grande admiração pelo estilista Yves Saint Laurent, mas não pela companhia", diz Louboutin. "Eu que criei o solado vermelho e se você tira minha identidade, você tira a essência da minha grife e a minha própria." E a história de Louboutin é, de fato, única.

Nascido em Paris, no ano de 1963, ele é filho de um marceneiro e uma dona de casa franceses. Por ser mais moreno do que o resto da família, pensava ser adotado. A verdade, no entanto, é que a mãe teve um caso fora do casamento com um egípcio e Louboutin foi fruto dessa escapada – uma história que veio à tona recentemente. Desde pequeno, passou a se interessar pelo mundo da moda, mais precisamente pelos sapatos. Em uma visita ao Museu de Arte Africana, em Paris, quando tinha 13 anos, ficou encantado por um desenho que proíbia a entrada de pessoas com sapatos de salto alto no espaço. A partir daí, começou a rascunhar os seus protótipos e vendia sapatos na rua. As primeiras clientes eram as dançarinas de cabarés do Moulin Rouge, que, segundo ele, tiravam as roupas e continuavam com os seus sapatos intocados.

O primeiro estilista a dar uma chance ao jovem talento foi o designer Charles Jourdan. Depois, Louboutin passou por Roger Vivier, Christian Dior, Chanel e, quem diria, a sua atual rival Yves Saint Laurent. Mas ele queria alçar voo solo. Assim nascia sua marca em 1992. Após algum período buscando calçar os pés da elite parisiense e com o dinheiro para investimento cada vez mais minguado, uma personagem da realeza entrou em sua loja encantada pelas peças. Era a princesa Caroline de Mônaco, a sua primeira cliente célebre. A monarca foi vista por jornalistas na loja de Louboutin, que logo passou a ser cobiçado mundialmente. Hoje, ele é proprietário de um castelo do século XV na França e costuma viajar para destinos fora da rota turística tradicional, como o Uzbequistão e a Índia. Mas ainda pilota uma pequena Vespa pela capital francesa para não deixar que o criador se confunda com a imagem da cria.

"Eu sou quase um brasileiro"

Confira a entrevista do estilista francês Christian Louboutin à DINHEIRO

Como o senhor descreve o seu envolvimento com o processo de criação de suas coleções?
Eu tenho um time que me ajuda no processo de pesquisa de produção e nas cores. Mas, no que diz respeito ao design, eu mesmo faço. O meu modo de trabalhar é simplesmente pegar um pedaço de papel e desenhar a coleção. É o jeito que eu gosto de fazer e entendo que é o passo mais importante do meu trabalho. É algo que não mudarei.

O senhor decidiu diversificar sua coleção, com perfumes, por exemplo. Como fazer isso sem impactar a identidade da sua marca?
Eu diversifiquei, mas mantendo o design nos produtos. Todos expressam a mesma coisa: o fortalecimento das mulheres. Quero empoderar as mulheres. Os produtos refletem os desejos delas. Se não for para refletir os desejos, eu não diversificaria. Da mesma forma que já tive várias propostas para desenhar outros produtos, como roupas e óculos, mas recuei porque não me senti confortável. Eu quero a mesma atitude em todos os produtos, mas preciso respeitar os meus clientes. Quero que as pessoas vejam e gostem dos produtos, mas também os sintam.

Quais são as suas conexões com o Brasil?
Eu tenho um grande relacionamento com o País. Enquanto meus amigos desejavam ir para o Rio de Janeiro, eu queria ir para Brasília conhecer as criações de Oscar Niemeyer. A primeira coisa que ouvi falar do Brasil foi a respeito dos prédios da capital. Depois, claro, também me apaixonei pelo Rio e outras cidades, como Trancoso, Manaus, Ouro Preto. Conheço muitos locais no País. Eu sou quase um brasileiro.

Em sua opinião, qual a importância do Brasil para o mercado de moda?
O Brasil tem uma particularidade. Além de ser um país mais feminino, tem uma forte identidade da liberdade da mulher. Isso é muito simbólico e impactante. E isso traduz na moda e no luxo.

A sua empresa processou empresas como Yves Saint Laurent alegando plágio no solado vermelho. Esse cuidado é necessário?
Eu tenho muito respeito por Yves Saint Laurent, mas pelo estilista. Não tenho pela companhia que leva o seu nome. Quando uma empresa tem uma marca registrada, você tem que se proteger e foi isso o que eu fiz. O solado vermelho é a identidade da minha marca, que leva o meu nome. Eu que a criei. Se você tira minha identidade, você tira a essência da minha grife e a minha própria.

O que é elegância para o senhor?
É uma atitude que vem do coração. Não é elegante aquele que está bem vestido. Elegância é um jeito de ser e a forma que a pessoa se conecta com outras pessoas.

O senhor, apesar de ter apenas 54 anos, pensa na aposentadoria?
Com certeza, não. Temos grandes nomes que continuam trabalhando por muito tempo e a idade não é um impeditivo. Temos até o exemplo do próprio Niemeyer que permaneceu na ativa até depois dos 100 anos. É algo que nem passa pela minha cabeça.

FOTO: DIVULGAÇÃO

COBIÇA

POR ANDRÉ JANKAVSKI

UMA ILHA **PARA CHAMAR DE SUA**

A região de Florida Keys, ao sul da cidade de Miami, possui mais de 1,5 mil ilhas com paisagens deslumbrantes. Não por acaso, é procurada por turistas interessados em mergulhos ou simplesmente para um relaxante descanso em praias paradisíacas. Agora, há a possibilidade de ter um pedaço de terra no meio do oceano. Uma das ilhas, com área de 13 mil m², está à venda e totalmente equipada para uma vida com requinte e distante, literalmente, dos problemas das grandes metrópoles. A eletricidade é fornecida pelos painéis solares instalados sobre a casa principal, que possui três andares, e a de hóspedes. A água, claro, vem do mar e é tratada em um sistema de dessalinização instalado na ilha. Os equipamentos para mergulho, caiaque e vela fazem parte do pacote. Por US$ 6,9 milhões, o comprador poderá ter o seu lugar no meio do nada: afinal, é necessária uma viagem de dez minutos de barco para alcançar a costa de Miami.

CHÁ **PERFEITO**

Para os britânicos, beber chá é muito mais do que um costume, mas sim uma tradição que faz parte da cultura do país. Por isso, a empresa inglesa Lotusier criou um umidor para chás, inspirado nas caixas produzidas para charutos, que mantêm a temperatura e

umidade perfeita para os cigarros. Feito em madeira de sicômoro, a peça possui quatro potes de cristal que guardam e isolam o odor dos chás dentro da caixa. Um termostato embutido realiza o trabalho de manter as condições ideais. O valor é deUS$ 8,7 mil.

FOTOS PELA **PINACOTECA**

Um dos mais importantes museus de São Paulo, a Pinacoteca está lançando um álbum de fotografias com trabalhos exclusivos de grandes nomes brasileiros. Fotos originais de artistas contemporâneos como Albano Afonso, Sofia Borges e de Vik Muniz, que ilustra esta nota com o trabalho "Casal", foram escolhidas pela curadoria do museu para dar forma ao álbum, que deve ser lançado em abril em edição limitada de 50 unidades. O valor vai de R$ 27 mil, somente para patronos e associados, até R$ 30 mil. O dinheiro arrecadado será inteiramente investido na Pinacoteca.

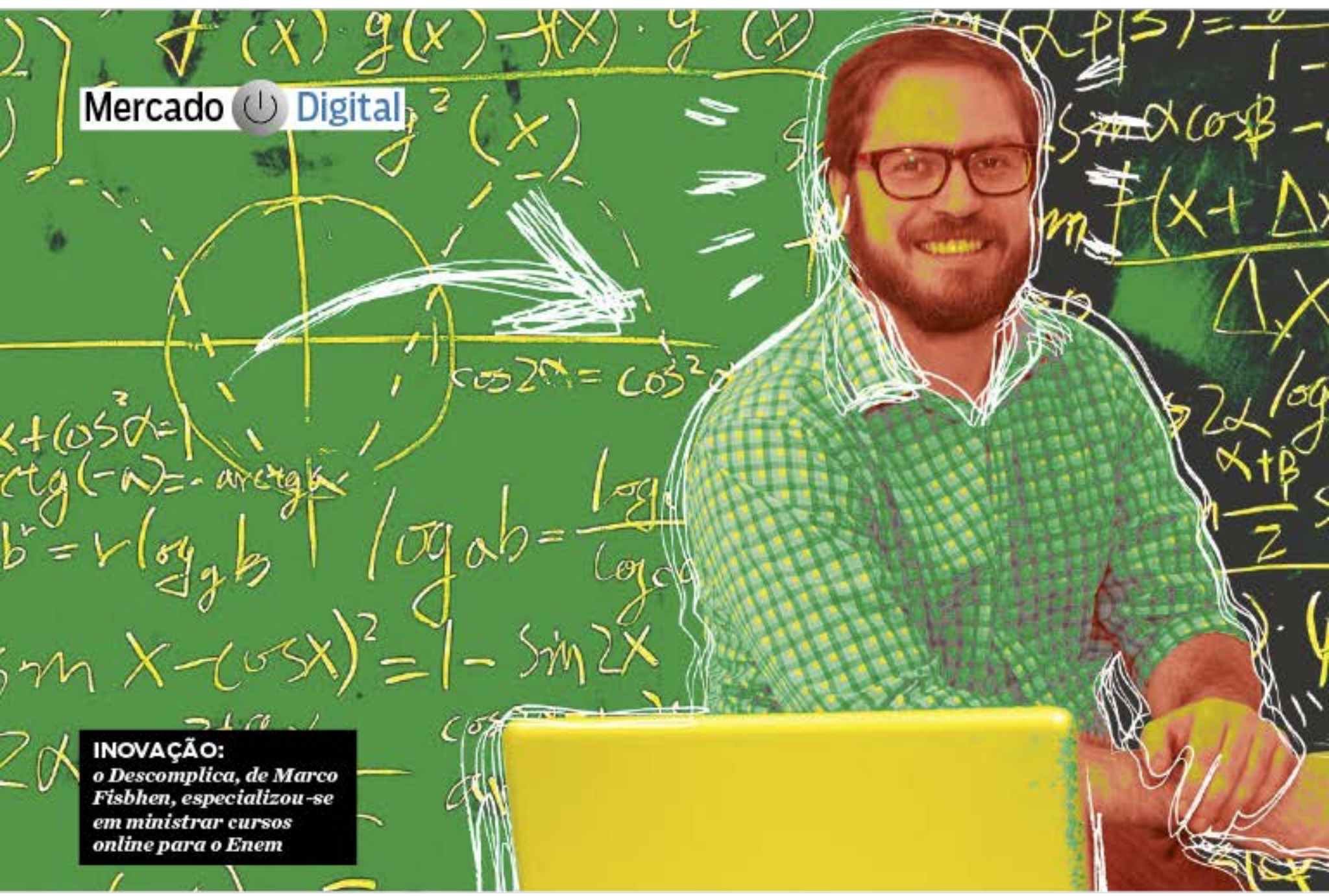
TREINAMENTO **OLÍMPICO**

Milionários aficionados por esportes podem levar a sua prática a outro nível. Isso porque um grupo de britânicos criou a Performance Team, uma empresa de esportistas e profissionais com experiências olímpicas para treinar atletas amadores. Fundada por Andy Baddeley, ex-corredor inglês que participou dos Jogos de 2008, em Pequim, e por Mark Buckingham, ex-fisioterapeuta da delegação britânica, a empresa recrutou uma equipe completa para treinos de corrida, triatlo e ciclismo.
O pacote mais completo, de cinco dias e com sessões de nutricionistas, fisioterapia e treinos, é de US$ 12,5 mil. O acampamento fica localizado na comuna de Salies de Béarn, na região sul da França.

CASACO EM **EXTINÇÃO**

A vicunha é um animal nativo da Cordilheira dos Andes e que possui uma das mais raras lãs existentes. Tal qualidade fez com que a caça predatória aumentasse e que o bicho ficasse próximo da extinção. Para amenizar o problema, a grife italiana Loro Piana, do grupo LVMH, criou uma reserva de dois mil hectares no Peru para os animais viverem com segurança na selva e serem tosados apenas em períodos pontuais.
O resultado são casacos como o Martingala, feito para resistir a ventanias e tempestades. O preço dele é US$ 20,5 mil.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



INOVAÇÃO: *o Descomplica, de Marco Fisbhen, especializou-se em ministrar cursos online para o Enem*

A fórmula do Descomplica

Como o professor de física **Marco Fisbhen criou uma das operações online mais inovadoras do Brasil**, *que atraiu investidores como Peter Thiel, o fundador do PayPal*

Roger MARZOCHI

Em uma aula tradicional sobre resistência do ar, o professor, em geral, vai até a lousa e desenha um paraquedas, com setas simbolizando as forças que estão atuando no equipamento. O professor de física Marco Fisbhen, de 37 anos, optou por um método bem mais real. No ano passado, ele literalmente se jogou de um avião para ensinar a lição aos seus alunos. Tudo foi documentado e publicado no site de aulas virtuais Descomplica, que ele fundou de uma forma quase amadora, quando dava aula em cursinhos e comprou uma câmera e um tripé, passando a se filmar no quarto de sua casa no Rio de Janeiro e a publicar em um canal do YouTube. "Muitas de nossas aulas são épicas", disse o empreendedor à DINHEIRO. As aulas de biologia, por exemplo, são filmadas no Pantanal ou na Amazônia. As de química já foram gravadas em um balão para ensinar os conceitos aos estudantes.

Sete anos depois de fundar o Descomplica, o site ganhou musculatura e foi escolhido como a terceira empresa mais inovadora da América Latina, em ranking da revista americana *Fast*

ADRENALINA: ***Fisbhen aposta em "aulas épicas" e saltou de paraquedas pela primeira vez para ensinar física***

Company – a startup foi a primeira do Brasil, à frente da Creditas (4ª colocada), de crédito online, e do Contabilizei (9º lugar), de contabilidade. A Gávea, do ex-presidente do Banco Central, Armínio Fraga, foi a primeira a apostar na ideia de Fisbhen, em novembro de 2012, com R$ 250 mil. Um mês depois, o professor de física ganhou um cheque de US$ 1,5 milhão de diversos fundos de venture capital, entre eles o Valar Ventures, do empresário Peter Thiel, um dos fundadores da empresa de pagamentos online PayPal e um dos primeiros a investir no Facebook. No total, o Descomplica já recebeu três aportes, que somam US$ 13,5 milhões, de investidores como a Social Capital e a 500 Startups. "Acreditamos na capacidade de execução e na visão do Marco de inovar", diz Bedy Yang, sócia do fundo de investimentos 500 Startups. "Ele tinha o desafio de criar uma marca de ensino para alunos de ensino médio e, ao mesmo tempo, desenvolver conteúdo para vídeo aula, trabalhar na distribuição e monetização."

O pulo do gato de Fisbhen foi manter-se fiel às suas origens de quando dava aula em cursinhos e não sair atirando para todos os lados. O agora empreendedor focou-se em cursos preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), prova elaborada pelo Ministério da Educação e a porta de entrada de grande parte dos estudantes à universidade. Com isso, a startup se tornou um dos principais expoentes no Brasil de um segmento educacional muito promissor no exterior: o de cursos livres online para as massas (Mooc, na sigla em inglês). **Em 2015, eles movimentaram US$ 1,8 bilhão no mundo, segundo a consultoria americana Research and Markets. Em 2020, a cifra deve alcançar US$ 8,5 bilhões.** "O Descomplica está voltado para uma área muito importante e promissora no Brasil", afirma William Klein, CEO da consultoria Hoper Educacional.

No ano passado, o Descomplica atraiu 32 milhões de visitantes únicos ao site. O número dos que pagam uma mensalidade de pelo menos R$ 19,90 não é revelado, mas Fisbhen diz que já opera no azul. Com os recursos captados dos fundos de investimento, Fisbhen resolveu que era a hora de diversificar o negócio. Em 2016, ele fez sua primeira aquisição: a Master Júris, que produz conteúdo de cursos online preparatórios para concursos públicos e para o exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). "Está nos planos fazer mais aquisições para ampliar as verticais de atuação", afirma Fisbhen. A estratégia parece fazer sentido, na visão de especialistas. "É um nicho a ser explorado e com potencial de crescimento", diz Wagner Sanchez, diretor acadêmico da Faculdade FIAP. Para Marcelo Coutinho, coordenador do Mestrado Profissional em Administração da FGV, o Brasil está só no começo daquilo que ele vê como uma explosão gigantesca de empresas de conteúdo específico dentro da educação. "A tecnologia fez com que o conhecimento ficasse obsoleto mais rapidamente", afirma Coutinho. "As estruturas educacionais formais não conseguem responder à demanda na mesma velocidade." Enquanto isso, Fisbhen planeja sua próxima aventura. Ele quer dar aula de física em pranchas de surfe e snow board.

MAIS LEVE QUE O AR

Conheça os principais fatos que fizeram do Descomplica uma empresa inovadora:

- Foi **criado em 2010**, quando o professor de física **Marco Fisbhen** foi bem-sucedido em produzir **aulas para o YouTube**
- Especializou-se em **criar conteúdo para auxiliar estudantes a prestar a prova do Enem**, concursos públicos e para o exame da OAB
- No ano passado, **32 milhões** de alunos visitaram a plataforma, que **cobra mensalidades a partir de R$ 19,90**
- Possui **200 funcionários**, sendo que metade é formada por **professores e orientadores**
- Desde sua criação, **recebeu US$ 13,5 milhões de investimentos**, de fundos como Digital Prosperity Fund, Social Capital e Valar Ventures
- No fim do ano passado, **comprou a empresa Master Juris**, que faz cursos preparatórios para o exame da OAB

OS ROBÔS DEVEM PAGAR IMPOSTOS?

O fundador da Microsoft, **Bill Gates, propõe que máquinas inteligentes** *paguem taxas. Faz sentido?*

Ralphe MANZONI JR.

O fundador da Microsoft, Bill Gates, se tornou o homem mais rico do mundo desenvolvendo tecnologias que foram adotadas em massa por pessoas e empresas ao redor do globo. Os programas da companhia com sede em Redmond automatizaram uma série de tarefas, que deixaram os consumidores mais produtivos. Com as ferramentas da Microsoft, eles tornaram-se capazes de fazer mais trabalho com menos pessoas. Gates, não há dúvida, pode ser considerado um otimista da inovação e um dos evangelistas das vantagens dos sistemas de inteligência artificial. Não deixa, portanto, de ser uma surpresa ouvi-lo propor um tributo para robôs que "roubam" trabalhos de humanos. "Você deve estar disposto a elevar o nível de impostos e até mesmo abrandar a velocidade de automação", disse Gates, em uma entrevista em 17 de fevereiro, ao site Quartz, quando questionado sobre o tema.

Trata-se de, no mínimo, uma proposta polêmica. Robôs não têm renda. Eles também não usam serviços de saúde. Quando se aposentam, não irão ganhar benefícios da Previdência. Logo, como taxá-los? A ideia de Gates é cobrar os impostos das empresas que os usam para substituir trabalhadores. Essa tributação seria temporária para, ao menos, reduzir a automação ou para financiar outros tipos de empregos. "À medida que você automatiza está gerando menos empregos", diz Otto Nogami, professor de economia do Insper. Com isso, cria-se um círculo vicioso. Com mais desempregados, a renda cai, o consumo diminui e, consequentemente, a arrecadação fica menor. Em resumo, ganha apenas a empresa que se livrou do funcionário. Por outro lado, surgem novas ocupações e empresas a partir das novas tecnologias.

A discussão sobre o impacto da tecnologia nos postos de trabalho não é necessariamente recente. Há muitos anos se debate se a introdução de máquinas cada vez mais inteligentes no mercado pode provocar uma epidemia de desemprego. Na Inglaterra do século 19, durante a Revolução Industrial, trabalhadores têxteis, chamados de Luditas, protestavam contra as máquinas. Na década de 1960, o presidente americano John F. Kennedy disse que o maior problema doméstico era "manter o emprego pleno em uma época em que a automação está substituindo os homens." Nos anos 1980, a Microsoft protagonizou a revolução da

A LEI É PARA TODOS: *O robô lixeiro WALL-E, da animação da Pixar, também teria de pagar impostos*

computação pessoal, automatizando uma série de tarefas manuais. Agora, em pleno século 21, os sistemas de inteligência artificial estão levando esse dilema a outro nível: até mesmo trabalhos cognitivos podem ser substituídos pelas máquinas.

De uma forma muitas vezes imperceptível, máquinas estão fazendo o trabalho de pessoas em diversos segmentos. Na setor de call centers, a consultoria americana Gartner estima que até 85% dos centros de atendimento ao cliente serão virtuais em 2020. Na área de saúde, os sistemas de inteligência artificial são capazes de fazer diagnósticos muito mais precisos e rápidos do que os médicos. Os escritórios de advocacia passam a dar conta de muitos mais processos com menos advogados. Robôs já escrevem notícias sobre balanços de empresas e resultados esportivos. Eles também substituem profissionais em corretoras, tomando decisões de investimentos. Até roteiros de filmes já foram escritos com a ajuda desses algoritmos inteligentes. Um trabalho dos pesquisadores Carl Benedikt Frey e Michael A. Osborne, de 2013, avaliou 702 ocupações nos Estados Unidos e concluiu que 47% delas têm alto potencial de automação. Em outras palavras, podem ser substituídas por máquinas. "Esses sistemas estão cada vez mais inteligentes e geram valor na sociedade", afirma Marcelo Zuffo, professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). "Por que não taxá-los, se eles prestam serviços?"

Por outro lado, **os robôs e sistemas de inteligência artificial devem movimentar US$ 153 bilhões até 2020**, segundo o Bank of America Merrill Lynch. Seus impactos serão sentidos em diversas áreas de economia, como nos setores de agricultura, de indústria, de veículos, de entretenimento, de saúde e financeiros. Se a experiência do passado servir para prever o futuro, a Revolução Industrial do século 19 ou até mesmo a introdução de computadores nas empresas, a partir da década de 1960, criaram mais empregos do que destruíram. Numa análise recente sobre a força de trabalho americana de 1982 a 2012, o economista James Bessen, da Boston University, descobriu que a taxa de emprego crescia mais rápido nas ocupações que usavam intensamente a tecnologia. Quem imaginaria, um século atrás, pessoas trabalhando no desenvolvimento de videogames? A discussão proposta por Gates está apenas começando.

BILL GATES:

"Não acredito que as fabricantes de robôs vão ficar indignadas por conta de um imposto"

A PROPOSTA DE GATES

O que defende o fundador da Microsoft:

- A criação de um **imposto para companhias que usarem robôs** para substituir empregos
- Esse imposto **seria temporário para, ao menos, reduzir a automação** ou para financiar outros tipos de empregos
- **O dinheiro arrecadado por esse imposto poderia ser investido em áreas** que as máquinas ainda não têm a mesma habilidade dos humanos, **como o cuidado com idosos ou educação**

Fonte: Bank of America Merrill Lynch

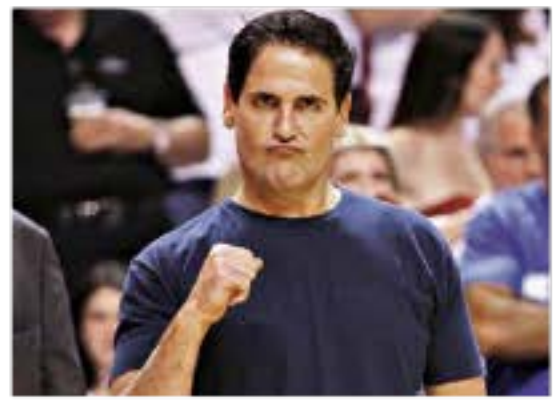
FOTOS: RAMIN TALAIE

O inferno astral do Uber

No Brasil, as queixas contra o serviço aumentam. No mundo, a concorrência fica mais dura. Agora, o Uber enfrenta um novo e nada dignificante problema. Susan Fowler Rigetti, ex-engenheira de tecnologia do aplicativo americano de compartilhamento de veículos, afirma ter sofrido assédio sexual de seu gerente durante os 12 meses em que trabalhou na companhia. No sábado 18, Susan escreveu em um blog que, logo no primeiro dia de trabalho, o chefe lhe contou que tinha um casamento aberto e fez investidas para ter relações sexuais com ela. Ela fez várias de denúncias para o RH da companhia, mas afirma que nada aconteceu. Travis Kalanick, CEO do Uber, informou que determinou uma investigação sobre o caso e afirma que nunca teve conhecimento de reclamações nesse sentido. "Nós nos esforçamos para fazer do Uber um local de trabalho justo para todos", afirmou Kalanick.

A MENINA DOS OLHOS DE **MARK CUBAN**

Qual é a melhor startup do mundo? **Mark Cuban**, o bilionário investidor americano, dono do time de basquete Dallas Mavericks, tem a resposta: a Amazon. "Acredito que a Amazon é uma das melhores startups e a melhor companhia do mundo", disse ele, ao programa *Fast Money* da rede americana CNBC. Apesar de a empresa ter mais de 10 anos de vida e de faturar mais de US$ 100 bilhões, Cuban acredita que a Amazon mantém o espírito de uma empresa iniciante e nunca deixou de inovar. Para o bilionário, a Amazon pode desenvolver tecnologias disruptivas em todas as áreas do comércio.



Crescem especulações sobre o novo iPhone

Faltando ainda muito tempo para ser lançada, a nova versão do iPhone está gerando grandes especulações não apenas no mercado financeiro, o que vem impulsionando as ações da Apple. Especialistas começam a dar dicas do do aparelho que poderá ser anunciado em setembro deste ano. Acredita-se que Tim Cook, CEO da Apple, faça uma atualização leve dos iPhones 7 e 7 Plus. A grande novidade será o iPhone Pro, que deverá custar mais de US$ 1 mil. O site americano de tecnologia *TechCrunch*, por exemplo, cita o analista Ming-Chi Kuo, da KGI Securities, para quem o novo celular terá 5,8 polegadas – a maior tela de um iPhohe, hoje, é de 5,5 polegadas.

O jogo é a mobilidade

PROJEÇÃO DA CONSULTORIA AMERICANA NEWZOO ESTIMA O TAMANHO DO MERCADO DE JOGOS NO BRASIL:

US$ 1,5 BILHÃO
é a previsão de faturamento em 2017

15,4%
é o crescimento desse segmento, que registrou no ano passado um faturamento de

US$ 1,3 BILHÃO

Fonte: Newzoo

INFOGRÁFICO: EVANDRO RODRIGUES | FOTOS: DIVULGAÇÃO | HANNAH JOHNSTON/GETTY IMAGES

KIM DOTCOM corre risco de ser extraditado para os EUA

Acusado de violar direitos autorais na internet, o criador do site Megaupload pode ser extraditado para os Estados Unidos. Preso na Nova Zelândia, Kim Schmitz, mais conhecido como **Kim Dotcom**, perdeu na Justiça, na segunda-feira 20, um recurso contra uma decisão de dezembro de 2016, que autorizava a sua extradição para o país de Donald Trump. As autoridades americanas acusam o executivo, com estilo de vida extravagante, de ter dado prejuízo de US$ 500 milhões aos estúdios de Hollywood, ao criar uma rede ilegal de *download* de música e vídeos. Nascido na Alemanha, o empresário vive na Nova Zelândia e foi preso em 2012. Ron Mansfield, advogado de Dotcom, deve recorrer à Suprema corte do país.

CREDITAS RECEBE APORTE DE R$ 60 MILHÕES

O International Finance Corporation, braço de investimentos do Banco Mundial, e o fundo sul-africano Naspers fizeram um aporte de R$ 60 milhões no site brasileiro de crédito Creditas. A operação ficou em 4º lugar no ranking das empresas mais inovadoras da América Latina da revista americana *Fast Company*, na semana retrasada. A empresa, que fornece crédito pela web com taxas de juro competitivas, usará os recursos para elevar o número de funcionários dos atuais 100 para 200. Nos últimos dois anos, a companhia recebeu investimentos de R$ 30 milhões, de fundos como Kaszek Ventures, Redpoint eVentures, Quona Capital e QED Investors.

SITE DE USADOS ENJOEI CHEGA À ARGENTINA

O site de venda de produtos usados Enjoei inaugurou, no início de fevereiro, a sua primeira operação fora do Brasil. A empresa começou a atuar em Buenos Aires, na Argentina, com o nome Yafue.com. "É um mercado superinteressante e o público é semelhante na questão de comportamento", diz Tiê Lima, CEO e cofundador da companhia. Desde 2013, a operação recebeu R$ 45 milhões de investimentos. Em 2016, o site movimentou R$ 200 milhões em vendas, um crescimento de 80% em relação a 2015. Com 20 milhões de acessos mensais no Brasil, agora a expectativa é a de conseguir alavancar rápido o mercado argentino. "Um dos segredos de uma startup é saber ser pequeno de novo. Isso é o que estamos fazendo lá."

Novo

CMA Home Broker

A Vitrine de Investimentos mais Completa do Mercado

Novo CMA Home Broker: tudo sobre investimentos em uma só plataforma (conceito One Stop Shop)!

Visual moderno, robustez operacional, segurança absoluta e integração total com o back-office da instituição

Mais Informações:
Tel.: (11) 3053-2712
www.cma.com.br

CMA

O ATAQUE DIGITAL DO INTERMEDIUM

Banco mineiro **declara guerra aos grandes concorrentes** e oferece serviços online sem cobrar tarifas de pequenos empreendedores

Cláudio GRADILONE

Nascido em Belo Horizonte, o engenheiro civil João Vitor Menin, presidente do banco Intermedium, é um fiel torcedor do Atlético Mineiro. Apesar disso, desde o início do ano, ele também comemora as vitórias do tricolor paulista. O banco anunciou, em janeiro, um patrocínio para o São Paulo Futebol Clube pelos próximos três anos. "Patrocinávamos o América de Minas, mas optamos por colocar nossa marca em um time que nos proporcione visibilidade nacional", diz ele. Considerações futebolísticas à parte, a troca de camisa no patrocínio demonstra, de maneira didática, a nova estratégia do Intermedium. Antes uma instituição financeira regional, o banco agora quer jogar na primeira divisão das transações digitais, tanto por celulares quanto pela internet. O trunfo nesse jogo é ter empresas como clientes. Para isso, a tática é oferecer às pessoas jurídicas de menor porte algo que já está disponível para pessoas físicas: contas-correntes

JOÃO VITOR MENIN, O PRESIDENTE: *usando as contas gratuitas para lucrar vendendo outros produtos*

sem tarifas. "Já estamos testando uma versão beta junto a 200 clientes escolhidos, e devemos colocar esse produto à disposição da clientela no segundo semestre", diz Menin.

Fundado em 1994 pela família controladora da construtora MRV, até 2015 o Intermedium dedicava-se principalmente aos financiamentos imobiliários e aos empréstimos consignados. Também administrava recursos dos conhecidos dos controladores. "Recebíamos basicamente os investimentos dos amigos", diz Menin. Naquele ano, porém, após reestruturar suas atividades, o banco resolveu buscar um mercado de massa. Para isso, investiu uma cifra mineiramente não divulgada em tecnologia e lançou um produto atrativo para quem gosta de cortar gastos: uma conta corrente digital isenta de tarifas, estratégia adotada também por concorrentes como Sofisa e Original, controlado pelo grupo J&F. Lançada no fim de 2015, essa conta atingiu 100 mil clientes ativos em fevereiro, diz Menin. "Em dezembro de 2015, captávamos 300 clientes por mês. Em fevereiro, devemos ativar 18 mil novas contas."

Esse produto tornou-se mais atraente nos três últimos anos. Os grandes bancos de varejo têm obtido receitas com tarifas num ritmo acima da inflação. O resultado de quatro dos cinco líderes mostra isso. Com exceção da Caixa, que ainda não divulgou seus resultados de 2016, Itaú Unibanco, Banco do Brasil, Bradesco e Santander cobraram, juntos, R$ 92,5 bilhões em tarifas no ano passado. Houve uma alta de 9,6% nessa rubrica em 2015. "Elevar as tarifas têm sido uma forma de os bancos compensarem a diminuição das margens de lucro no crédito", diz Adeodato Volpi Netto, estrategista-chefe de mercado de capitais da Eleven, empresa de análise financeira.

Menin quer crescer oferecendo, de graça, algo que passou a custar caro nos últimos tempos. "Uma conta básica pode custar cerca de R$ 40 por mês em um banco de varejo", diz ele. "Isso dá quase R$ 500 por ano, o que é muito dinheiro para um cliente cuja renda é de R$ 2 mil por mês." A pressão crescente sobre os salários reduziu a renda real disponível e forçou muitos consumidores a reduzir seus padrões, e isso inclui o total pago em tarifas bancárias. "Acreditamos que isso fará mais clientes em potencial baixarem nossos aplicativos e testarem a conta gratuita", diz Menin. Segundo ele, a meta é encerrar 2017 com 350 mil correntistas, e chegar a um milhão até o fim de 2018. Ao lançar um produto parecido para as empresas, Menin aposta em uma multidão crescente: os brasileiros que perderam seus empregos e se tornaram empreendedores. Suas microempresas têm recursos limitados e são muito suscetíveis a custos.

Para rentabilizar os serviços digitais e atender uma multidão de não-pagantes, o banqueiro aposta em uma estratégia de vendas cruzadas. A conta isenta de tarifas, com transferências ilimitadas, servirá para atrair novos clientes ao banco. "Vou usar essa proximidade para vender outros produtos, como crédito consignado, cartões e seguros, e distribuir investimentos como CDB e Letras de Crédito Imobiliário," diz. Não será um caminho fácil. "Oferecer um produto de base tecnológica requer um dispêndio pesado em tecnologia, os custos são elevados e há uma probabilidade elevada de a operação não compensar", alerta Roberto Troster, ex-economista-chefe da Federação Brasileira de Bancos (Febraban). Mas o que seria do mundo sem as apostas ousadas? S

ARENA ONLINE

Conheça o banco Intermedium, que pretende oferecer contas sem tarifas para empresas

Fundação:
1994, em Belo Horizonte

Agências:
39

Ativos totais:
R$ 3,18 BILHÕES
(R$ 2,52 bilhões em 2015)

Empréstimos:
R$ 2,33 BILHÕES
(R$ 2,12 bilhões em 2015)

Principais linhas de crédito:
- imobiliário **(52,5%)**
- consignado **(36,1%)**
- empresarial **(11,4%)**

Lucro:
R$ 25,5 MILHÕES
(R$ 31,9 milhões em 2015)

INTERMEDIUM DIGITAL

- lançamento: **2015**
- correntistas: **100 MIL**
- conta pessoa jurídica: a ser lançada no segundo semestre

Fonte: Banco Intermedium

GUIA SEMANAL DE INVESTIMENTOS

Investidor Dinheiro

A Vale vai valer mais

Mineradora propõe reestruturação societária para entrar no Novo Mercado, melhorar a governança e elevar a liquidez das ações. Os analistas são unânimes: é uma boa notícia

Flavia GALEMBECK

Egresso do Bradesco, Roger Agnelli, tragicamente falecido no ano passado, presidiu a Vale entre 2001 e 2011. Durante esses anos, as ações da companhia valorizaram-se quase 1.600%. Apesar desse desempenho excepcional, Agnelli foi, não delicadamente, convidado a se retirar do cargo pela ex-presidente Dilma Rousseff por discordar das orientações do governo. Sua saída mostra que a Vale, uma das mais eficientes mineradoras do mundo, tinha problemas de governança corporativa. Na segunda-feira 20, a companhia propôs uma reorganização societária que deve impedir mais episódios como esse, melhorando a vida dos acionistas, minoritários inclusive.

Sucesso de crítica:

Trinta dos maiores acionistas fora do bloco de controle aprovaram o plano de Murilo Ferreira

Privatizada em 1997, a Vale era uma das jóias das estatais. Privada, tornou-se mais produtiva que suas principais concorrentes, as australianas BHP Billinton e Rio Tinto. Mesmo produzindo um minério de ferro de melhor qualidade, suas ações são negociadas com um desconto médio de 15% em relação às demais. "O temor de ingerência política sempre rondou a Vale e isso se refletiu no preço da ação", diz Marco Saravalle, analista da XP Investimentos. Não é um temor infundado. O grupo de controle da Vale inclui fundos de pensão de empresas estatais. **"O ponto principal da mudança é que esta nova estrutura tornará a empresa menos sujeita a interferências políticas, o que é muito positivo para o preço dos papéis", diz Luís Castro da Fonseca, gestor da Nest Investimentos.** Negociado ao longo dos últimos quatro anos, o acordo visa permitir que os fundos de pensão vendam parte de suas ações sem abrir mão do controle, e também gerar valor para o acionista melhorando a governança e a liquidez.

Se tudo sair como o planejado, em 2020 a Vale será uma empresa sem dono: será uma corporação de capital pulverizado listada no Novo Mercado. Para isso, ela propôs mudanças no estatuto social, estabelecendo 12 conselheiros, dos quais três independentes. O documento ainda estabelece que, se algum acionista tiver 25% ou mais das ações, ele terá de realizar uma Oferta Pública de Aquisição (OPA). Conhecida pelo termo "pílula de veneno", essa cláusula desestimula a concentração de poderes nas mãos de um só investidor.

No dia do anúncio das mudanças, as ações ordinárias da Vale tiveram alta de 6,92%, a R$ 36,43, a maior cotação desde janeiro de 2013

O mercado gostou. As ações ordinárias da Vale subiram 6,92% na segunda-feira 20 e fecharam a R$ 36,43. Foi a maior cotação desde janeiro de 2013, quando a tonelada do minério de ferro valia US$ 150. No mesmo dia, a commodity embarcada para a China subiu 2,2%, para US$ 92,34 por tonelada. Seu valor de mercado chegou a R$ 184,56 bilhões, superando os R$ 179,63 bilhões do Bradesco. Para Gabriela Cortez e Victor Penna, analistas do BB Investimentos, governança e liquidez melhores aumentam o apetite estrangeiro, o que facilita o acesso ao mercado internacional de capitais. Isso significa juros menores ao captar dinheiro no Exterior. Em teleconferência, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, destacou que os 30 maiores acionistas fora do bloco de controle aprovaram as mudanças.

O plano tem três fases. Na primeira, a Vale vai incorporar sua holding Valepar, que possui 54% das ações ordinárias (com direito a voto) e reúne fundos de pensão como a Previ (dos funcionários do BB), a Funcef (da Caixa), a Petros (da Petrobras) e a Funcesp (da Cesp), além de BNDESPar, Bradespar e a japonesa Mitsui. Em conjunto, eles possuem 1,735 bilhão de ações. Para abrir mão do controle como é hoje, eles receberão um prêmio de 173,5 milhões de ações ordinárias. Sua participação vai subir para 1,908 bilhão de ações, ou 36,73% do total. Esses acionistas se comprometem a manter um mínimo de 20% das ações. Isso vai permitir que eles, se quiserem,

FOTOS: YASUYOSHI CHIBA | WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO/AE

O QUE MUDA PARA OS MINORITÁRIOS

Além da melhoria na governança, confira como as propostas da mineradora afetam os acionistas da companhia

- *Relação de troca: cada papel preferencial será trocado por* ***0,9342 ação ordinária,*** *caso a proposta seja aprovada em assembleia de acionistas*
- *Diluição de* ***3% da participação*** *no capital, com a emissão de* ***173,5 milhões de ações*** *ordinárias, que serão destinadas aos acionistas da Valepar*

POTENCIAIS GANHOS

- *Eliminação do* ***desconto de 15% que as ações da Vale*** *têm em relação aos seus pares estrangeiros, com a melhoria da governança corporativa*
- *Maior liquidez das ações*

vendam 16,73% das ações a partir de novembro, permanecendo os maiores investidores e elevando a liquidez. Em compensação, a incorporação da Valepar vai gerar R$ 3,073 bilhões de créditos fiscais, que serão usados pela Vale para pagar impostos. Em tese, isso significa mais dinheiro em caixa, o que pode resultar em maiores dividendos e redução do endividamento. Todos os demais acionistas serão diluídos em 3%.

O segundo passo é converter as preferenciais em ordinárias, que dão direito a voto. "Tradicionalmente, as ordinárias são as ações mais negociadas, porque o investidor estrangeiro não entende a ação sem direito a voto", diz Saravalle, da XP Investimentos. Porém, a conversão terá de ser aprovada por pelo menos 54,09% dos acionistas em uma assembleia marcada para 30 de julho. A Vale propõe pagar 0,9342 ação ordinária para cada ação preferencial, com base nas cotações dos 30 pregões anteriores a 20 de fevereiro. A mesma proposta vale para os detentores de American Depositary Shares preferenciais. "A relação parece razoável, pois segue o desconto médio que as preferenciais têm hoje em relação às ordinárias", afirma Castro da Fonseca, da Nest. Para ele, somando-se o efeito dessa conversão ao do prêmio pago pelo bloco de controle, os dividendos dos donos de preferenciais devem ser 10% menores do que os que têm ações ordinárias. Em compensação, diz, a troca deve turbinar a negociação do papel na bolsa. "A conversão voluntária, se aprovada, deve aumentar mais de quatro vezes o nível de negociação das ações ordinárias", afirma um profissional de banco de investimento. Segundo os cinco analistas ouvidos pela DINHEIRO, essa aprovação deve acontecer.

PAPÉIS AVULSOS

ACORDO DE LENIÊNCIA CHEGA AO BALANÇO DA **BRASKEM**

Em seu acordo de leniência, assinado em dezembro passado no âmbito da Operação Lava Jato, a Braskem se comprometeu a pagar uma multa de US$ 957 milhões (R$ 3,1 bilhões). A provisão para isso provocou um prejuízo líquido de R$ 2,637 bilhões no resultado do quarto trimestre da petroquímica, segundo prévia não auditada do balanço. A geração de caixa ajustada consolidada somou R$ 2,385 bilhões, queda de 10% na comparação anual. Esse número é medido pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Lajida). As vendas no Brasil somaram 51% do faturamento total. Estados Unidos e Europa responderam por 17%, o México por 6% e o restante ficou por conta de clientes menores. Em dezembro, a dívida líquida ajustada a companhia era de R$ 20,014 bilhões, já incluído o acordo de leniência. O prazo médio da dívida da empresa era de 14,6 anos. No quarto trimestre, a companhia investiu R$ 757 milhões, sendo R$ 573 milhões no Brasil.

RAIO X
BRASKEM PNA (BRKM5)

Cotação*	R$ 34,10
Preço máximo (52 semanas):	R$ 36,99
Preço mínimo (52 semanas):	R$ 17,13
Oscilação no mês:	4,8%
Oscilação no ano:	-0,4%
Oscilação em 2016:	37,8%
Volatilidade (21 dias):	42,38%

Fonte Economática *22/02/2017

AS 10 MAIS NEGOCIADAS DO IBOVESPA

Ação	Cotação (R$)*	% mês	% ano	% 12 m	% Índice
Itaú Unibanco PN	40,97	12,2	23,5	87,7	11,24
Bradesco PN	34,19	4,6	18,0	88,6	7,903
Vale PNA	33,02	8,1	41,5	253,6	5,724
Petrobras PN	15,70	4,5	5,6	211,5	5,667
Vale ON	34,69	7,8	35,1	165,6	4,555
Petrobras ON	16,60	2,5	-2,0	124,0	4,054
Brasil ON	34,09	9,6	21,4	162,1	3,636
Itaúsa PN	10,35	14,1	27,9	82,6	3,471
BM&FBovespa ON	20,03	8,3	21,4	84,0	3,108
Gerdau PN	13,11	7,5	21,4	218,9	1,022

Fonte: Economática * 22/02/2017

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE

MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Transportes	21,28	115,35
Financeiro	7,68	114,88
Consumo e Varejo	2,61	29,64
Petroquímico	-2,18	26,59
Industrial	3,61	10,29

PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Telecomunicações	-22,35	-39,64
Papel e Celulose	0,05	-13,83
Petróleo e Gás	-2,77	214,70
Mineração	12,19	244,90
Siderúrgico	6,55	287,13

Fonte: Austin Rating de 18/02 a 17/02

BOLSAS NO MUNDO

17/02/2017			COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)			VARIAÇÃO (US$)	
Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano
Brasil	Ibovespa	67.748	4,76%	12,49%	56,70%	3,69%	6,82%
Brasil	IBrX	27.869	4,87%	12,43%	56,33%	3,80%	6,77%
EUA	Dow Jones	20.624	3,83%	4,36%	24,09%	3,83%	4,36%
EUA	Nasdaq	5.839	3,99%	8,46%	29,64%	3,99%	8,46%
Japão	Nikkei	19.255	1,12%	0,74%	19,51%	1,62%	-2,63%
China	CSI 300	3.458	2,07%	4,47%	10,87%	2,33%	5,65%
Alemanha	DAX 30	11.813	2,41%	2,89%	23,39%	3,82%	1,94%
França	CAC 40	4.860	2,34%	-0,05%	13,05%	3,75%	-0,98%
Reino Unido	UKX	7.300	2,83%	2,20%	20,91%	3,79%	1,87%

Fonte: Austin Rating

SIDERURGIA

Prejuízo da **Gerdau** sobe no quarto trimestre

A combinação entre a queda na produção e nas vendas de aço afetou o grupo siderúrgico Gerdau, que teve prejuízo líquido de R$ 205 milhões no quarto trimestre, ante uma perda de R$ 41 milhões no mesmo período de 2015. A desempenho da empresa refletiu a readequação dos níveis de estoques no Brasil e na América do Norte, além do recuo de 2,3% nas vendas, para 3,8 milhões de toneladas. No ano, as ações da siderúrgica sobem 21,4%.

FOTOS: ROGÉRIO REIS | LEONARDO RODRIGUES | MURILLO CONSTANTINO

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
COBRASMA	Industrial	150,00
BAHEMA	Varejo	29,83
GOL	Transportes	27,91
CSU CARDSYST	Financeiro	24,12
BANCO PAN	Financeiro	20,45

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
MINUPAR	Varejo	-15,08
BANRISUL	Financeiro	-11,85
KARSTEN	Varejo	-8,81
CONTAX	Telecom.	-8,76
WLM IND COM	Petróleo	-7,75

Fonte: Austin Rating * de 10/02 a 17/02

TOURO X URSO

A pesar de a alta de 6,1% no mês, até a quarta-feira 22, não parecer tão expressiva, o Índice Bovespa superou 69 mil pontos na terça-feira 21, o maior nível desde abril de 2011. A alta foi sustentada pelo avanço das ações da Vale e pela alta das cotações do minério de ferro. O mercado, porém, está cada vez mais propenso a uma realização de lucros.

SHOPPINGS

Iguatemi: desconto nos resultados

Controle de custos e melhor desempenho operacional elevaram para R$ 49,8 milhões o lucro líquido da administradora e incorporadora de shoppings centers Iguatemi no último trimestre do ano passado. Foi uma alta de 18% na comparação anual. No entanto, no ano, o lucro líquido encolheu 15%, para R$ 164 milhões, apesar de a receita líquida ter avançado 5%, para R$ 668 milhões. No ano, as ações sobem 19,5%.

DESTAQUE NO PREGÃO

Menor, **Hypermarcas** lucra mais

Depois de vender seus negócios de fraldas por R$ 1 bilhão, e o de preservativos por um valor não revelado, a Hypermarcas, que fabrica medicamentos e produtos de saúde e bem-estar, encerrou o ano com lucro de R$ 1,174 bilhão, mais que o dobro do ganho de R$ 559,9 milhões em 2015. No entanto, no quarto trimestre, a companhia comandada por Cláudio Bergamo, sofreu um prejuízo de R$ 212,5 milhões, ante um lucro de R$ 283 milhões no mesmo período de 2015. Entre outubro e dezembro, a receita líquida de operações continuadas cresceu 11,5%, de R$ 756,2 em 2015 para R$ 843,3 milhões em 2016. No ano, as ações sobem 5,9%.

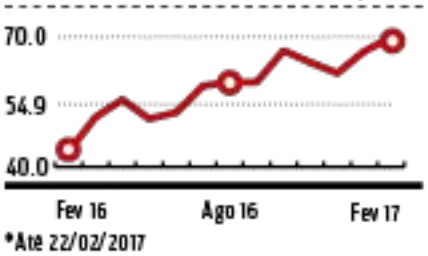
PALAVRA DO ANALISTA:
Os analistas da Citi Corretora destacam a alta das vendas no quarto trimestre, mas notam que a geração de caixa deve crescer 8,5%, abaixo dos 16% previstos para 2016, mostrando menos espaço para reajustar medicamentos.

VAREJO

Magazine Luiza brilha na internet

O Magazine Luiza, de Frederico Trajano, teve lucro líquido de R$ 46,1 milhões no quarto trimestre, revertendo o prejuízo de R$ 52,4 milhões de igual intervalo de 2015. As vendas do comércio eletrônico, que cresceram 41,4%, alcançaram o patamar recorde de 26,3% do total. No ano, a varejista lucrou R$ 86,6 milhões, ante prejuízo de R$ 65,6 milhões em 2015. No ano, as ações sobem 82,4%.

IBOVESPA em milhares de pontos



*Até 22/02/2017

TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	68.589
Máxima	69.052
Mínima	41.543

Fonte: Economática * 15/02/2017

MN MERCADO EM NÚMEROS

USIMINAS

€ 1,5 bilhão
É o valor estimado que a siderúrgica Ternium, controladora da Usiminas, para comprar 100% da participação da Thyssenkrupp na Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA)

ULTRAPAR

R$ 5,7 bilhões
É a dívida do grupo, que comprou a rede de postos de combustíveis Ale e a distribuidora de gás de cozinha Liquigás, em dezembro de 2016. Em 2015, essa cifra era de R$ 4,9 bilhões

BM&FBOVESPA

R$ 1,4 bilhão
Foi o lucro da bolsa no ano passado. A cifra encolheu 34,3% em comparação com 2015, devido à reversão de impostos da venda das ações do CME Group

DAYCOVAL

R$ 422,8 milhões
Foi o lucro líquido do banco no ano passado. O número representa uma alta de 17,3% sobre 2015

NATURA

R$ 201,8 milhões
Foi o lucro líquido da fabricante no quarto trimestre, alta de 38,8% em comparação com igual período de 2015

DinheiroemNúmeros

POR CLÁUDIO GRADILONE E FLAVIA GALEMBECK

COMENTÁRIOS

TAG APOSTA EM FUNDOS IMOBILIÁRIOS

A gestora de recursos Tag Investimentos, presidida por Thiago de Castro, adquiriu uma participação minoritária na Alianza Investimentos, gestora fundada em 2011 e que administra três fundos imobiliários, com um patrimônio total de R$ 150 milhões. A aquisição, por um valor não revelado, visa unificar o potencial da Tag de captar recursos com a capacidade da Alianza de originar recursos. As duas empresas administram, desde 2015, um fundo imobiliário de R$ 120 milhões, que desenvolve três imóveis para empresas de call-center.

SMALL CAPS LIDERAM GANHO EM JANEIRO

Os fundos de ações lideraram em rentabilidade em janeiro, informou a Anbima, associação que representa o setor, na segunda-feira 20. O segmento mais rentável foi o das ações de empresas pequenas: os fundos dedicados a Small Caps renderam 9,72% no mês. Já os fundos de ações do tipo Livre, que permitem estratégias mais diversificadas, renderam 5,90% no mês.

QUEDA DE JURO FAVORECE RENDA FIXA DE LONGO PRAZO

Segundo a Anbima, a queda dos juros elevou os preços dos títulos e melhorou, no mês de janeiro, a rentabilidade dos fundos de renda fixa com carteiras mais longas. Os fundos do tipo Duração Alta Crédito Livre e Duração Alta Soberano renderam, respectivamente, 1,90% e 1,70% em janeiro. Em 12 meses, a rentabilidade acumulada dessas carteiras foi de, respectivamente, 20,05% e 21,63%.

FUNDOS DE INVESTIMENTO MAIS RENTÁVEIS

RENDA FIXA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
ICATU VANGUARDA PRÉ-FIXADO FI	2,18%	5,48%	34,69%	411,42%	337,94%	246,07%	0,35%	20	48,6
JPM BRASIL IMA-B5+ FIC	3,75%	6,17%	34,46%	706,35%	380,99%	244,43%	0,30%	10	47,6
ITAÚ IMA-B 5+ FIC	3,61%	5,88%	33,56%	681,36%	362,69%	238,09%	0,40%	5	75,4
BANESTES INSTITUCIONAL FI	3,40%	5,50%	29,10%	640,40%	339,40%	206,45%	0,20%	50	139,2
VOTORANTIM IRF-M 1+ FIC	1,69%	4,32%	28,85%	318,47%	266,57%	204,62%	0,35%	10	39,2
SUL AMÉRICA INFLATIE FI	2,59%	4,48%	26,49%	488,18%	276,30%	187,91%	0,40%	25	360,5

REFERENCIADO DI	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BNP PARIBAS MATCH FI	0,53%	1,65%	14,32%	99,87%	101,71%	101,56%	0,35%	50	4.298,9
CAIXA TOP FIC	0,55%	1,63%	14,18%	102,94%	100,59%	100,60%	0,15%	3.000	1.859,2
ITAÚ PRIVATE VÉRTICE FIC	0,53%	1,63%	14,17%	100,40%	100,46%	100,50%	0,15%	0	189,6
WESTERN ASSET FI	0,52%	1,57%	13,95%	97,24%	96,86%	98,96%	0,15%	2.000	1.040,0
SUL AMÉRICA EXCLUSIVE FI	0,52%	1,60%	13,90%	98,82%	98,48%	98,57%	0,15%	50	507,4
BRADESCO CORPORATE FEDERAL FIC	0,52%	1,59%	13,74%	98,40%	98,24%	97,43%	0,15%	1.000	1.361,0

AÇÕES	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	S/IBOV. MÊS	S/IBOV. ANO	S/IBOV. 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BB SIDERURGIA FIC	7,15%	21,27%	193,52%	1.348,61%	1.312,33%	1.372,77%	1,00%	0	37,8
ALFA FI	3,40%	32,91%	113,00%	641,01%	2.030,87%	801,58%	0,80%	1	21,6
BLACKROCK INSTITUCIONAL IBOVESPA FI	5,54%	13,11%	68,98%	1.044,86%	808,70%	489,29%	0,02%	250	50,3
BRADESCO PRIME ACTIVE FIC	6,15%	15,96%	65,14%	1.160,13%	984,85%	462,09%	2,50%	5	20,8
ARX INCOME FI	4,35%	12,80%	64,63%	819,67%	789,78%	458,47%	3,00%	20	119,2
BNP PARIBAS ACE IBRX FIC	4,71%	10,06%	64,13%	887,37%	620,92%	454,93%	0,50%	5	36,1

MULTIMERCADOS MULTIESTRATÉGIA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BRASIL PLURAL SPECIAL SITUATIONS FI	-1,82%	-3,34%	171,00%	-342,81%	-206,22%	1.213,01%	2,00%	1.000	39,2
XP LONG BIASED FIC	2,93%	10,87%	87,72%	552,85%	670,66%	622,25%	2,00%	10	124,4
ITAÚ FOF RPI RETORNO TOTAL FIC	3,82%	10,06%	47,59%	720,02%	620,75%	337,61%	1,00%	1.000	34,9
KAPITALO APOLLO FIC	3,26%	9,21%	42,44%	614,11%	568,23%	301,07%	0,05%	NE	58,6
MAUÁ IPCA HEDGE II FIC	3,51%	6,91%	35,22%	662,87%	426,61%	249,85%	1,50%	5	98,1
CAPITÂNIA REIT FIC	1,51%	5,16%	34,97%	285,66%	318,67%	248,09%	0,55%	25	78,6

MULTIMERCADOS MACRO	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
SPARTA CÍCLICO FI	1,30%	5,02%	40,45%	245,49%	309,94%	286,93%	4,00%	5	66,3
ALASKA RANGE FI	3,72%	8,53%	39,71%	701,92%	526,50%	281,70%	2,00%	5	84,3
ITAÚ PRIVATE HEDGE PLUS FIC	1,59%	4,40%	33,50%	299,18%	271,32%	237,60%	2,00%	1.000	219,8
BB MACRO ESTILO FIC	-0,17%	0,89%	30,57%	-32,50%	54,83%	216,86%	1,00%	NE	60,2
MAUÁ MACRO FIC	2,02%	5,30%	28,41%	381,48%	327,13%	201,53%	1,93%	5	285,3
PAINEIRAS HEDGE FIC	2,56%	7,62%	28,12%	482,08%	470,21%	199,48%	1,90%	300	466,6

MULTIMERCADOS JUROS E MOEDAS	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
JPM MULTISTRATEGY RATES AND FX CLASSE A FIC	0,94%	2,13%	16,92%	176,94%	131,62%	120,04%	1,00%	10	117,9
BTG PACTUAL EXPLORER FI	0,63%	2,24%	16,74%	118,55%	138,45%	118,74%	1,75%	25	205,2
ITAÚ UNICLASS FIX PLUS FIC	0,61%	1,82%	15,96%	115,06%	112,06%	113,24%	1,00%	100	182,5
SUL AMÉRICA MOEDAS FI	0,72%	2,13%	15,86%	135,41%	131,43%	112,47%	1,00%	5	34,7
SANTANDER PERFORMANCE TOP FI	0,69%	2,07%	15,79%	129,71%	127,92%	112,01%	0,10%	20.000	1.568,6
CAIXA JUROS E MOEDAS FI	0,69%	1,86%	15,51%	129,81%	114,88%	110,02%	0,70%	20	176,6

MULTIMERCADOS ESTRATÉGIA ESPECÍFICA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MÍN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
PACIFICO LB FIC	2,56%	8,21%	53,22%	482,17%	506,66%	377,52%	1,93%	50	87,8
OCEANA LONG BIASED FIC	2,83%	7,10%	47,86%	534,29%	438,16%	339,49%	2,00%	50	39,3
VIVA RIO FIC	2,70%	6,83%	46,65%	508,32%	421,51%	330,92%	2,00%	500	39,3
SAFRA S&P REAIS PB FI	3,86%	6,03%	40,78%	727,94%	372,37%	289,29%	1,00%	1.000	70,4
WESTERN ASSET US INDEX 500 FI	3,72%	5,82%	40,17%	700,61%	359,43%	284,96%	1,00%	25	139,4
INVESTCENTER JGP EQUITY FIC	2,51%	9,95%	40,02%	473,44%	614,08%	283,86%	2,50%	200	49,3

*NE – o fundo não exige
Dados fornecidos pela TAG Investimentos. www.taginvest.com.br

Fontes: TAG / Anbima / Quantum Axis
OBS.: Valores atualizados até 15/02/2017, referente ao período de 01/02/2016 até 15/02/2017. Leia a advertência sobre riscos em www.istoedinheiro.com.br.

INDICADORES ECONÔMICOS

CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	3º TRI/16	2º TRI/16	1º TRI/16	4º TRI/15	2015
PIB (DESSAZONALIZADO)	-0,83%	-0,44%	-0,46%	-1,15%	-3,8%
PIB EM US$ BILHÕES *	1.707,87	1.655,11	1.659,81	1.774,57	1.746

ATIVIDADE **	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	SET/16	NO ANO
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	-0,1%	-1,1%	-7,3%	-4,6%	-6,6%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO (IBGE)	-4,9%	-3,5%	-8,1%	-5,7%	-6,2%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	12,0%	11,9%	11,8%	11,8%	11,5%
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	-	77,5%	77,6%	77,6%	-

INADIMPLÊNCIA ***	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	SET/16	MÉDIA EM 2016
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,80%	5,30%	5,70%	5,70%	5,50%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	6,00%	6,10%	6,20%	6,20%	6,20%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	3,70%	3,70%	4,00%	3,70%	3,90%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	5,20%	5,40%	5,60%	5,50%	5,20%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	DEZ/16 A JAN/16	NOV/16 A DEZ/15	OUT/16 A NOV/15	SET/16 A OUT/15	AGO/16 A SET/15
RESULTADO NOMINAL	8,93%	9,28%	8,73%	9,32%	9,51%
RESULTADO PRIMÁRIO	2,47%	2,50%	2,20%	3,04%	2,74%

	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	2016	2015
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO (SEM PETROBRAS)	45,91%	43,79%	43,70%	45,91%	35,61%
DÍVIDA LÍQUIDA INTERNA	61,21%	59,85%	58,94%	61,21%	54,81%
DÍVIDA LÍQUIDA EXTERNA	-15,30%	-16,07%	-15,24%	-15,30%	-19,20%

CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	JAN/17	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	NO ANO
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	11.528	15.409	8.593	8.400	11.528
EXPORTAÇÕES	14.911	15.941	16.220	13.716	14.911
IMPORTAÇÕES	12.187	11.525	11.463	11.376	12.187
SALDO COMERCIAL	2.725	4.415	4.758	2.340	2.725
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-5.085	-5.882	-718	-3335	-5.085
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	374.908	372.221	372.761	375.433	374.908
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	316.669	323.714	333.799	335.361	316.669

* Acumulado nos últimos 12 meses.
** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego.
*** Em proporção do volume de crédito concedido.
(a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme metodologia do BACEN

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	JAN/17	DEZ/16	NOV/16	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,32%	0,72%	0,15%	0,32%	5,45%
IGP-M (FGV)	0,64%	0,54%	-0,03%	0,64%	6,65%
IGP-DI (FGV)	0,43%	0,83%	0,05%	0,43%	6,02%
IPCA (IBGE)	0,38%	0,30%	0,18%	0,38%	5,35%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,38%	0,37%	0,39%	0,38%	6,45%

JUROS/APLICAÇÃO (EM %)	JAN/17	DEZ/16	NOV/16	NO ANO	12 MESES
CDI	1,08%	1,12%	1,04%	1,08%	14,03%
TR	0,17%	0,18%	0,14%	0,17%	2,05%
POUPANÇA	0,67%	0,69%	0,64%	0,67%	8,35%
TJLP	0,60%	0,60%	0,60%	0,60%	7,50%
SWAP PREXDI (30 DIAS)	1,02%	1,06%	1,03%	1,02%	13,74%

CÂMBIO/PETRÓLEO	17/02/2017	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	3,095	1,03%	5,30%	30,83%
US$/EURO	1,065	-1,36%	0,94%	-4,10%
IENE/US$	112,84	-0,49%	3,46%	0,07%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	55,81	0,20%	-1,78%	60,88%

MERCADOS FUTUROS 17/02/2017	MAR/17	JUN/17	SET/17	NOV/17
CÂMBIO (R$/US$)	3,099	3,170	3,236	3,272
	MAR/17	JUN/17	OUT/17	JAN/18
DI 1 DIA (% A.A.)	12,62	11,78	10,95	10,57
	ABR/17	JUN/17	AGO/17	DEZ/17
IBOVESPA (PONTOS)	68.741	69.851	70.967	72.868
	MAR/17	SET/17	DEZ/17	SET/18
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	172,50	185,10	190,15	190,00

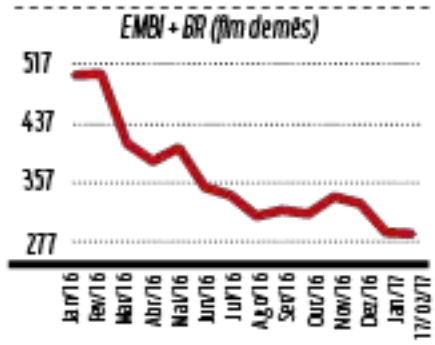
RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

* 2ª 13/Fevereiro/17 (Inclui LIS = Juros Semestrais)

TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	RENTABILIDADE BRUTA: Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic	07/03/2017	Selic	1,02%	1,72%	14,04%
Tesouro Prefixado (JS)	01/01/2021	Prefixado	1,58%	4,86%	39,14%
Tesouro IPCA+ (JS)	15/05/2017	IPCA	0,60%	1,44%	11,72%
Tesouro IGPM+ (JS)	01/07/2017	IGP-M	0,54%	1,74%	12,06%
Tesouro Prefixado	01/01/2018	Prefixado	1,09%	2,21%	18,49%

*** divulgação dos dados suspensa, devido a greve dos servidores

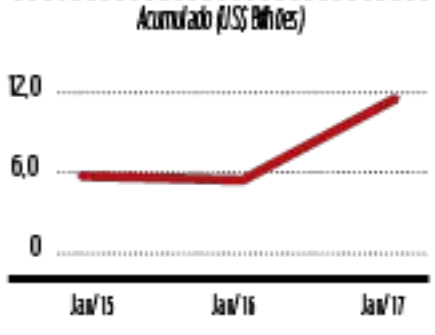
RISCO-PAÍS



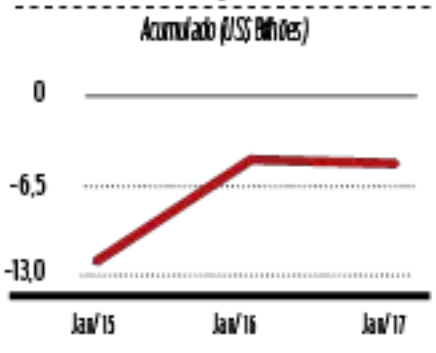
JUROS FUTUROS

17/02/2017

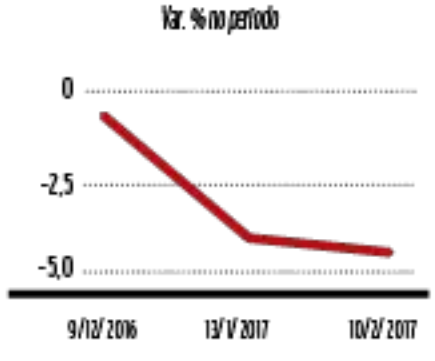
INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO



SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES



IBC-BR



NOTAS

DÍVIDA PÚBLICA FEDERAL CAI 1,9%

A Dívida Pública Federal, que engloba o endividamento interno e externo, caiu 1,91% em janeiro. Ela recuou, em termos nominais, para R$ 3,053 trilhões, informou a Secretaria do Tesouro na segunda-feira 20. Em dezembro, a dívida era de R$ 3,112 trilhões. A queda ocorreu pois os vencimentos de títulos públicos superaram as emissões. Segundo o Plano Anual de Financiamento (PAF), a dívida pública pode encerrar o ano entre R$ 3,45 trilhões e R$ 3,65 trilhões.

DÉFICIT DE TRANSAÇÕES CORRENTES CRESCE 5,6% EM JANEIRO

Em janeiro, o déficit em transações correntes somou US$ 5,085 bilhões, uma alta de 5,6% em relação aos US$ 4,815 bilhões de janeiro de 2016. Esse déficit inclui dados da balança comercial e de serviços, além de remessas de lucros e dividendos ao Exterior. A projeção é que o indicador chegue a US$ 28 bilhões, ou 1,43% do Produto Interno Bruto (PIB) no fim de 2017. Em 2016, esse número caiu para US$ 23,5 bilhões ou 1,3% do PIB, o menor nível desde 2007.

AUMENTO DA OCIOSIDADE REDUZ ÍNDICE DE CONFIANÇA DA INDÚSTRIA

Após ter subido 4,3 pontos percentuais em janeiro, o Índice de Confiança da Indústria caiu 1,8 ponto, para 87,2 pontos, na primeira prévia de fevereiro, informou a Fundação Getulio Vargas na segunda-feira 20. A queda deveu-se à menor utilização da capacidade instalada, que caiu 0,3 ponto percentual na prévia de fevereiro, após avançar 1,7 ponto percentual em janeiro.

Material elaborado pela empresa de análise de risco Austin Rating www.austin.com.br

FOTOS: VINICIUS STASOLLA | JOSÉ PAULO LACERDA

ARTIGO POR LUÍS ARTUR **NOGUEIRA***

É hora de reduzir a meta de inflação

Desde 2005, o Banco Central (BC) tem a missão de perseguir uma inflação de 4,5%. Neste período, o IPCA, índice oficial calculado pelo IBGE, caiu abaixo do alvo apenas três vezes (2006, 2007 e 2009), permanecendo acima do centro da meta em oito anos (2005, 2008, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2016). Nada supera, no entanto, o vexame de 2015, quando a inflação chegou aos dois dígitos (10,7%). Sob o comando de Ilan Goldfajn, a partir de junho do ano passado, a nova gestão do BC conseguiu resgatar a credibilidade perdida e, naturalmente, as expectativas para 2017 e 2018 foram sendo ancoradas em 4,5%. Na prática, projeções no centro da meta significam que os analistas acreditam na seriedade do trabalho da autoridade monetária.

É nesse ambiente de elevada confiança no BC, associado a uma inflação corrente baixa, que surge a oportunidade de o Brasil ambicionar uma meta menor. Não se trata de reduzi-la da noite para o dia, numa canetada, mas de sinalizar que o País tem maturidade suficiente para controlar os seus preços. Em junho, o Conselho Monetário Nacional (CMN), formado pelos ministros da Fazenda, Henrique Meirelles, do Planejamento, Dyogo Oliveira, e pelo presidente do BC vai definir a meta para 2019. Uma redução de 0,25 ponto percentual ou de 0,5 ponto percentual será bem-vinda, mantida a margem de tolerância atual de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

Em junho, o CMN, formado pelos ministros da Fazenda, Henrique Meirelles (à esq.), do Planejamento, Dyogo Oliveira, e pelo presidente do BC, Ilan Goldfajn, vai definir a meta para 2019

Em recente entrevista à DINHEIRO, Ilan, como é conhecido no mercado, afirmou que o Brasil pode ter, no futuro, "metas compatíveis com outras economias emergentes", ao redor de 3%. **Para os críticos, uma meta mais baixa significa uma política de juros mais apertada, o que reduz o crescimento econômico. É balela. Inflação baixa é precondição para a expansão do PIB.** Inflação baixa preserva o poder de compra das famílias, aumentando o consumo. Inflação baixa gera previsibilidade nos negócios, atraindo investimentos. Se alguém ainda acha que um pouquinho de inflação a mais até ajuda o PIB, basta revisitar os números catastróficos do governo Dilma Rousseff.

Em 2007, quando Meirelles comandava o BC, o CMN perdeu a oportunidade de reduzir a meta. Naquele momento, o Brasil convivia com uma inflação anual abaixo dos 4,5% por dois anos consecutivos, o que fomentou o debate sobre um alvo inflacionário menor. Apesar de a autoridade monetária também gozar de muita credibilidade, prevaleceu a posição do então ministro da Fazenda, Guido Mantega, que considerava prioritário o crescimento do PIB e não o controle da inflação. Ele estava errado.

Agora, duas décadas após a criação do Plano Real, o Brasil merece uma moeda mais estável. No mercado de trabalho, já há uma geração de jovens que não vivenciaram a tragédia da hiperinflação. Que bom! Podemos agora preparar outra geração que vai se espantar quando os preços subirem acima de 5%. No País da indexação onipresente, a única forma de eliminá-la é tornando a inflação cada vez menos relevante. O primeiro passo precisa ser dado pelo CMN, em junho. Os brasileiros não merecem ver essa oportunidade de ouro ser desperdiçada novamente.

**Luís Artur Nogueira, jornalista e economista, é editor da ISTOÉ Dinheiro*

FOTOS: SERGIO LIMA | JOSÉ CRUZ/A.G. BRASIL E DIVULGAÇÃO